

wookacontece

Gratuita | Julho 2021 | Número 6

Entrevistas
Isabel Allende
Robert Bryndza

2021
Wook chegou
até agora

De A a W
Adolfo Luxúria
Canibal

Wook®

LEITURAS DE VERÃO 30% A 50%

campanha válida de
5 de julho a 8 de agosto
saiba mais em **wook.pt**





22 Entrevista Isabel Allende

2 **2021:**
Wook chegou
(até agora)

8 **Uma viagem ao canto
do prato**
Anthony Bourdain

10 Entrevista
Robert Bryndza

16 Wook se escreve
no **Japão**

20 De A a W
**Adolfo Luxúria
Canibal**

30 **Empoderamento
Feminino**

33 **Banda Desenhada**
Isto não são só
bonecos!

37 **12 autores
infantojuvenis** para
ler, reler e partilhar

40 **Cartoon**

2021:

wook chegou (até agora!)

O ano ainda nem vai a meio e as nossas estantes já estão repletas de livros inesquecíveis, estreias notáveis e obras premiadas. Do romance ao thriller, passando pela poesia, pela ficção científica, pela não ficção e pela literatura infantil, estes são os livros para manter debaixo de olho. Palavra de leitor!

janeiro

Ficção

O primeiro dia do ano trouxe para o domínio público a obra de George Orwell, uma oportunidade de reler os livros do autor inglês, mais atuais do que nunca, agora com novas edições disponíveis.



Teolinda Gersão celebra 40 anos de vida literária, mas a prenda é para os leitores. O novo livro **O Regresso de Julia Mann a Paraty** é «um conjunto de três novelas entrelaçadas», como lhe chamou a autora.

O começo do ano costuma trazer bons thrillers e este não foi exceção: Nuno Nepomuceno regressou com **O Cardeal**, passado entre Cambridge e a Cidade do Vaticano; e Robert Bryndza voltou a convocar a detetive Kate Marshall em **A Noite Está a Chegar**, uma história arrepiante sobre um assassino em série escondido à vista de todos. Dos autores Knut Hamsun e Saul Bellow, ambos premiados com o Nobel da Literatura, chegaram-nos dois romances imperdíveis: **Fome** e **Morrem Mais de Mágoa**. E, já que falamos de grandes escritores, não é possível

deixar passar em claro **A Lua e as Fogueiras** do italiano Cesare Pavese, **O Marinheiro Que Perdeu As Graças** de Yukio Mishima, e **Um Tambor Diferente** de William Melvin Kelley, um tesouro esquecido da literatura norte-americana. Na ficção contemporânea destacaram-se **O Amigo** de Sigrid Nunez, a comovente história da amizade entre uma escritora e um cão, premiada com o National Book Award e **Estilicídio**, uma visão perturbadora do futuro com assinatura de Cynan Jones.

Não Ficção

Indomável é um título mais do que apropriado para descrever o livro de Glennon Doyle. Um relato inspirador sobre encontrar a própria voz que mereceu rasgados elogios da cantora Adele. E que melhor maneira de começar o ano senão a estabelecer novas metas com um programa de meditações para 52 semanas em **Meditação Plena**, do guru Deepak Chopra.





Joana Costa Roque está de volta com **Cozinha Organizada, Jantar na Mesa**, um livro que contém 12 ementas semanais, com receitas variadas e saborosas, para o ajudar a organizar-se na cozinha e no dia a dia.

Para os fãs do bestseller **Factfulness, Como Aprendi a Compreender o Mundo** é a história, contada pelo próprio Hans Rosling, de como se tornou um pensador revolucionário, enquanto **Sonhemos Juntos** é uma mensagem de esperança do Papa Francisco num momento em que a pandemia expôs como nunca as desigualdades da nossa sociedade, mas também a resiliência, a generosidade e a criatividade de tantas pessoas.

Poesia

Depois de publicar pela primeira vez, no final de 2020, dois volumes da poesia de Louise Glück – **Averno** e **A Íris Selvagem** – a Relógio D'Água dá continuidade à publicação da obra da mais recente Nobel da Literatura com **Uma Vida na Aldeia** e **Noite Virtuosa e Fiel**, dois volumes com tradução dos também poetas Frederico Pedreira e Margarida Vale de Gato.

Infantil

Da autora de **Quero Um Abraço**, chegou-nos um livro enternecedor. **Tímidos** é a história de um pequeno polvo que não gosta de dar nas vistas. Já **O Bolo de Maçã** é um delicioso hino à gratidão e à natureza.

fevereiro

Ficção

Este pode ter sido um mês com menos edições, mas o que lhe faltou em quantidade compensou em qualidade. Traduzida diretamente do polaco, a obra-prima de Stanislaw Lem, **Solaris**, voltou a estar disponível no ano em que se comemoram os cem anos do nascimento do seu autor. Uma oportunidade de revisitar uma das obras de ficção científica mais marcantes do séc. XX, adaptada por duas vezes ao cinema. Mais atual, mas ainda dentro da ficção científica, **O Problema dos Três Corpos**, do chinês Liu Cixin, é a primeira parte de uma trilogia multi-premiada que está neste momento a ser adaptada ao ecrã pela Netflix. Se gosta de suspense, mas dispensa o espaço, o mais recente thriller de M. J. Arlidge, **Uma Hora de Vida**,



traz de volta a inspetora Helen Grace para apanhar um assassino que parece estar sempre um passo à frente da polícia.

No romance, dois livros a não perder: **Gambito de Dama**, a obra de Walter Travis que deu origem à série homónima e **Se com Pétalas ou Ossos**, o mais recente livro de João Reis.

Não Ficção

Atual, e mais necessário que nunca, **Como Evitar um Desastre Climático**, de Bill Gates, é um livro para mudar de rumo e repensar soluções para o futuro. Já Tomáš Halík desafia-nos a encontrar Cristo, para lá do ritual, em **O Tempo das Igrejas Vazias**.

Infantil

Num mundo com cada vez mais **Discórdia**, Nani Brunini cria uma narrativa visual sobre criar pontes de entendimento. Uma lição preciosa para todas as idades.



março

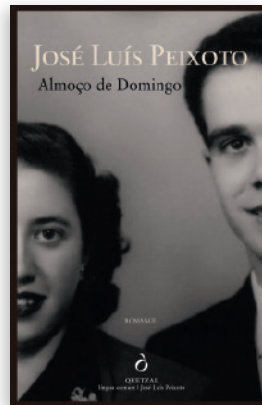
Ficção

Uma das grandes novidades do mês foi de Daniel Silva. **A Ordem**

marca o regresso do espião Gabriel Allon. Já **O Rapaz do Bosque** é o mais recente thriller de Harlan Coben. Mas, se prefere clássicos, **Suspense ou A Arte da Ficção** de Patricia Highsmith desvenda os segredos da escrita de uma das maiores escritoras de policial de sempre.



Outro acontecimento literário a assinalar foi a publicação do novíssimo romance de Kazuo Ishiguro, **Klara e Sol**, o seu primeiro livro após o Nobel. Também Peter Handke, outro premiado pela Academia Sueca, viu editado o seu **A Noite do Morava**. De destacar ainda **Jack** da americana Marilyn Robinson, vencedora do prémio Pulitzer e **A Polícia da Memória** de Yoko Ogawa, uma história cheia de suspense sobre uma misteriosa ilha onde começam a desaparecer objetos. Emma Donoghue, autora de **O Quarto de Jack**, levou-nos de volta a 1918 em **A Dança das Estrelas**, um romance de esperança e sobrevivência com a terrível gripe espanhola como pano de fundo. Pela primeira vez reunida num só volume foi ainda editada a **Trilogia da Cidade de K.** da autora húngara Agota Kristof, uma história sobre dois irmãos gémeos, a crescer numa Europa em guerra, que criam uma peculiar estratégia de sobrevivência. Março é também marcado pelo re-



gresso de José Luís Peixoto ao romance com **Almoço de Domingo**. Inspirado na vida de Rui Nabeiro, o livro acompanha a história de um homem e da sua família, mas também do país desde os anos 30 até aos dias de hoje. Já **Quarentena – Uma História de Amor** de José Gardeazabal traz-nos um casal decidido a separar-se quando a quarentena os obriga a permanecer fechados na mesma casa. E porque ler deve ser uma alegria, Eugénio Lisboa propõe, num pequeno livro, um novo cânone da literatura portuguesa. **Vamos Ler! Um Cânone para o Leitor Relutante** é um convite irrecusável.

Depois do sucesso de **A Terceira Índia**, Iris Bravo continua a história de Sofia em **A Nova Índia** e porque as leituras mais românticas não ficam por aqui, estão de volta duas séries a não perder: **Outlander** de Diana Gabaldon e **Caminhos de Paixão** de Florencia Bonelli; e dois romances que prometem fazer rir e chorar: **Quando o Amor é Fogo** acompanha dois noivos que adoram odiar-se, enquanto **As Pontes de Madison County** de James Waller é uma história de amor intemporal.

Não Ficção

Do autor de **Chegar Novo a Velho**, foi publicado **O Segredo do Sistema Imunitário** e o livro cómico mais sé-

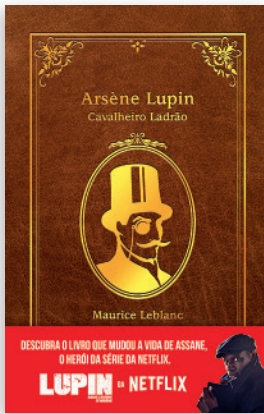
rio do ano chega-nos pela mão de Titania Macgrath em **Woke**. Pelo mundo dos sabores contamos com Henrique Sá Pessoa no livro **Com-Tradução**, enquanto Alexandra Vasconcelos nos propõe **As Receitas – O Poder do Jejum Intermitente** no seguimento do seu sucesso anterior. De volta está também Inês Gaya com **A Nova Era** e Sofia Castro Fernandes com **Acredita Coisas Boas Acontecem. O Homem Mais Feliz do Mundo** é o testemunho inspirador da vida de Eddie Jaku, um sobrevivente do Holocausto. E, com assinatura do Papa Francisco, chegou **Sois Tão Medrosos? Ainda Não Tendes Fé?**, um conjunto de orações em tempo de pandemia.

Infantil

No universo infantojuvenil o incrível e hilariante David Walliams regressou com **Os Piores Profs do Mundo** e Michelle Obama promete inspirar mais uma geração de leitores com **Becoming – A minha história para jovens leitores**. Mas as novidades não ficaram por aqui. Há novos livros das coleções **Os Indomáveis** de Álvaro Magalhães, **Bia e o Unicórnio**, **Geronimo Stilton** e a **Escola** de James Patterson. Para os que não gostam da hora de ir para a cama, **O Macaco Rabugento Não Quer Dormir** é a história de um macaquinho que quer ficar acordado até mais tarde apesar do sono e **Os que Veem as Estrelas** de Nuno Camarinho abre a porta à imaginação e aos mistérios do Universo.

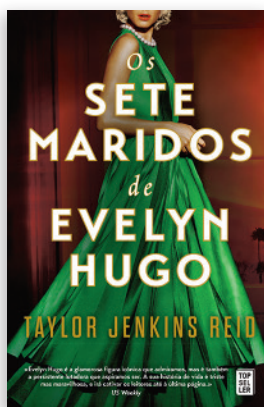
abril

No mês em que se comemora o Dia Mundial do Livro, não faltam boas sugestões de leitura, a começar pelo ladrão mais carismático e



sedutor. **Arsène Lupin, Cavalheiro Ladrão** é o clássico de Maurice Leblanc que inspirou a série da Netflix. Para os fãs de policiais e thrillers três nomes de peso: **Chamada para o Morto**, o primeiro livro de John Le Carré, voltou às livrarias numa edição com prefácio do autor; **The Stand – A Dança da Morte** é um irresistível clássico apocalíptico com assinatura do mestre Stephen King e **Escondidos à Vista de Todos** é a continuação da história do agora inspetor William Warwick, por Jeffrey Archer.

A Rapariga do Fim é o mais recente livro de Leslie Wolfe, protagonizado pela agente Tess Winnett e, se gosta de thrillers psicológicos intensos, **O Dilema** de B. A. Paris e **O Instinto** de Ashley Audrain não desiludem. Julian Quinn, a autora de **Bridgerton**, também está de regresso com **Depois do Escândalo**, o mais recente volume da série Rokesby, en-



quanto **Os Sete Maridos de Evelyn Hugo** de Taylor Jenkins Reid, inspirado na vida de Elizabeth Taylor, revela os bastidores de Hollywood. Jodi Picoult voltou com **O Livro dos Dois Caminhos** e Cecelia Ahern juntou histórias que capturam as diferentes facetas da vida das mulheres no novo **Garra**. Dolly Alderton pergunta **Estás aí?**, num romance divertido sobre o amor em tempo de redes sociais.

Já Sara Rodi conta-nos mais sobre as mulheres que fizeram parte da vida de Fernando Pessoa em **O Quanto Amei** e há também novidades de Amadeu Lopes Sabino com **Tempo de Fuga** e Djaimilia Pereira de Almeida com **Maremoto**. Do Brasil chega o impressionante **O Averso da Pele**, a estreia de Jeferson Tenório em Portugal. Enquanto isso, Afonso Cruz convida os leitores a partilharem o seu **O Vício dos Livros**. Diretamente do Japão, o fenómeno **Antes que o Café Arrefeça** de



Toshikazu Kawaguchi é o livro perfeito para acompanhar uma bebida bem quente. Também notável é a estreia do sueco Alex Schulman. **Os Sobreviventes** conta a história de três irmãos a braços com o passado. Mas não ficamos por aqui! **A Casa** de Emma Becker é um romance que descreve de forma eloquente e complexa a vida num bordel de

Berlim, enquanto **Despertar os Leões**, o segundo livro da israelita Ayelet Gundar-Goshen, a confirma como uma autora a descobrir.

Dos Nossos Irmãos Feridos conta a história de Fernand Iveton, preso e excutado pelo governo francês durante a guerra da Argélia. Um livro que venceu o prémio Goncourt, tendo o autor Joseph Andras recusado a distinção. Já **A Cadela** de Pilar Quintana é uma pequena-grande novela sobre a relação entre humanos e animais. E do criador da série **Mad Men**, Matthew Weiner, chegou-nos **Heather Absolutamente**, um romance sobre família, poder e privilégio.

Na ficção científica é de destacar **Tempos de Tempestade**, uma prequela da saga **The Witcher**, do polaco Andrzej Sapkowski. E, para terminar o mês em beleza, duas vezes únicas. **Sinta-se Livre** é uma reunião de textos em que Zadie Smith escreve sobre temas tão distintos como música, redes sociais ou o movimento Black Lives Matter. Da veterana Joan Didion, autora de **O Ano do Pensamento Mágico**, é finalmente publicado **Noites Azuis**, uma reflexão sobre a perda, a maternidade e o envelhecimento.

Não Ficção

Helena Sacadura Cabral leva-nos **Passo a Passo** ao reencontro da alegria e da esperança, neste diário escrito durante os dias de confinamento.

Os Novos Mitos que Comemos é o novo livro de Pedro de Carvalho, e Gordon Ramsay traz-nos **Comida Rápida e Deliciosa** com cem receitas para fazer em trinta minutos ou menos. E por último, **Brincar à Maneira Dinamarquesa** promete ajudar pais e educadores a criar crianças ainda mais felizes.

Poesia

O mês começa com um regresso à Grécia Antiga através dos **Poemas e Fragmentos** de Safo traduzidos por Eugénio de Andrade. Autor de alguns dos mais belos poemas em língua portuguesa, a **Obra Completa** de Francisco de Sá de Miranda é publicada num único volume profusamente anotado. Depois de reunir toda a sua poesia num único volume em 2018, Luís Filipe Castro Mendes lança **Voltar**. Também Daniel Jonas regressa com o sucessor do premiado **Oblívio**. **Cães de Chuva**, nas palavras de José Francisco Viegas, «é um relâmpago brutal na poesia portuguesa». Na coleção Elogio da Sombra, coordenada por Valter Hugo Mãe, destaca-se **Tristia** de António Cabrita, e Irene Guerra Marques e Carlos Ferreira organizam um trabalho monumental de mais de setecentas páginas: **Entre a Lua, o Caos e o Silêncio: a Flor** é uma belíssima antologia da poesia angolana, obrigatória na estante de qualquer leitor de poesia que se preze.

Infantil

Porque de pequeno se faz o leitor, a **Biblioteca do Bebê** de Clementina Almeida traz dois livros de alto contraste para estimular o desenvolvimento dos bebés.

O Menino Que Colecionava Palavras é uma história sobre o poder transformador das palavras e Nuno Caravela está de regresso com um novo volume do seu **O Bando das Caverna – Heróis do Mundo**.

Também **O Mundo de Inês** e **O Diário de Uma Miúda como Tu** têm novos volumes cheios de aventuras prontas a serem descobertas.

E ainda...



Em maio, chegaram **A Espera**, um thriller inquietante de Michael Robotham, e três histórias de amor irresistíveis: Pedro Chagas Freitas lançou **Foste a Maneira Mais Bonita de Errar**; Fátima Lopes voltou ao romance, dez anos depois, com **Encontrei o Amor Onde Menos Esperava** e Susanna Tamaro trouxe consigo **Uma Grande História de Amor**.



Após o sucesso de **Reload**, o livro **Start & Stop** é mais um excelente contributo de José Soares para manter o equilíbrio entre produtividade, saúde e bem-estar.

O Seu Filho Precisa de Si e **O Poder dos Rituais** prometem inspirar mudanças.

Nos livros infantis, **Fonchito e a Lua** de Mario Vargas Llosa, prémio Nobel da Literatura; **Os Pais Amam os Filhos**, uma novidade de Clara Cunha, autora de **O Cuquedo**; **O Artista Que Pintou um Cavalo Azul** de Eric Carle e um novo livro da coleção **Puto Detetive**.

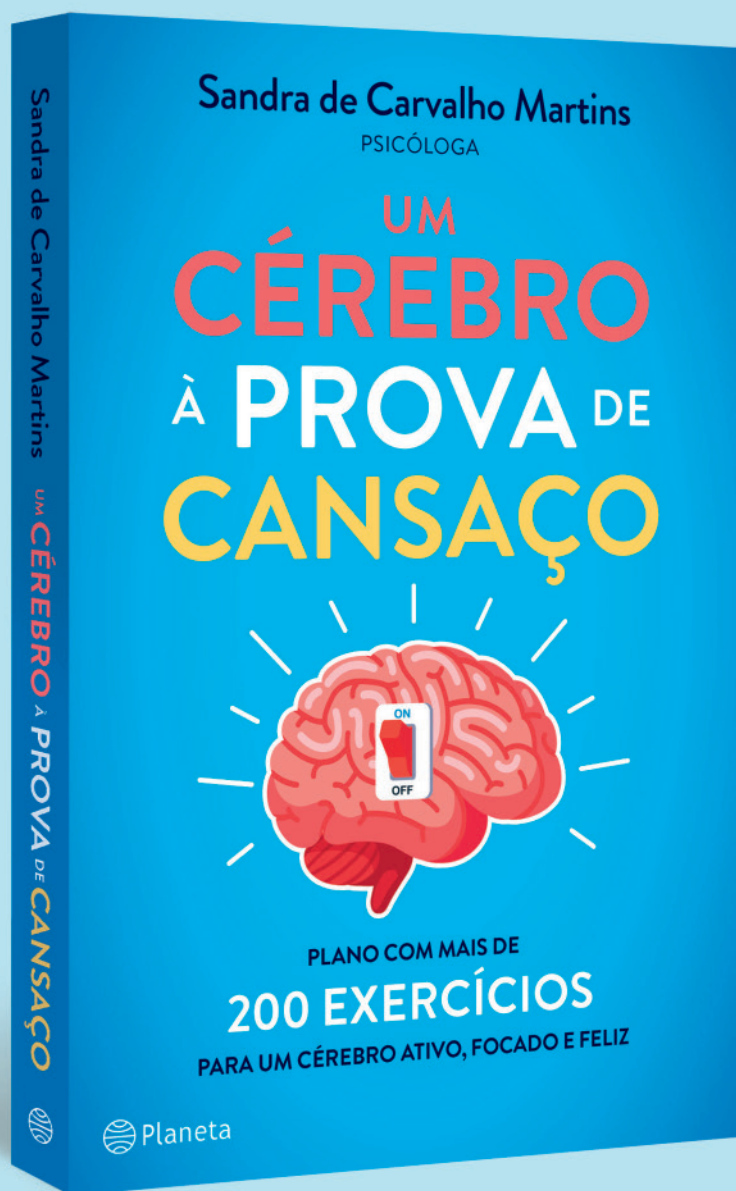
Mais adiante no ano, outro regresso de peso: Paula Hawkins, autora de



A Rapariga no Comboio, publicará em agosto o seu novo thriller **Fogo Lento**, uma história onde não faltam segredos e sede de vingança. Também já anunciados estão o 39.º álbum da coleção Astérix, **Astérix e o Grifo**, e três livros da americana Amanda Gorman autora do poema **A colina que subimos**, lido durante a tomada de posse do atual presidente dos Estados Unidos.

2021:

Quer recuperar a sua
concentração, a sua memória,
foco e alegria? Então este plano
de exercícios é para si.



PLANO
COM MAIS
DE 200
EXERCÍCIOS

 Planeta

Uma viagem ao canto do prato

com Anthony Bourdain

Anthony Bou

Houve, em tempos, um homem que aceitava tudo o que lhe ofereciam, fosse comida, bebidas, drogas leves ou pesadas. Inspiração para muitos, viveu sem fronteiras, sem limites e sem nada deixar por fazer ou dizer.

Há quem diga que o motivo pelo qual Anthony Bourdain se tornou um sucesso à escala planetária foi o seu carisma e paixão pela comida. Outros, garantem que terá sido pelo espírito aventureiro ou pelo seu talento singular para criar cenários vívidos nos seus diários de viagem. Por último, há os que, por se reverem na sua história e nos seus livros, o sabem: Bourdain foi, também, uma pessoa muito infeliz.

«I was rebellious and bitter that I wasn't old enough to be in San Francisco, dropping acid and having sex with hippie chicks. I had impeccable taste in rock'n'roll for a 10-year-old, yet was too young to live that life. It made me angry. (...) I started taking drugs as soon as I encountered them. (...) Back then I was a miserable, self-destructive lout.»

Tony não foi sempre o chef cool que abria a mente das pessoas através da comida, que partilhava pão com completos desconhecidos e que arriscava tudo para ir almoçar a um cantinho qualquer no bairro mais perigoso de Beirut. Na verdade, a sua juventude foi, em grande parte, uma clara e quase bem sucedida tentativa de autodestruição. Mas o que o tornou tão próximo de nós foi o facto de ele ter reconhecido e agido contra o mal que estava a causar a si próprio, a quem o rodeava e, sobretudo, às coisas que amava fazer.

«I should've died in my 20s. I became successful in my 40s. I became a dad in my 50s. I feel like I've stolen a car — a really nice car — and I keep looking in the rearview mirror for flashing lights.»

Foi desta forma, para lá da cozinha, das crónicas e dos livros, que Bourdain se refletiu na vida de tanta gente mundo afora. Pois enquanto ele "fugia das luzes", todo

um grupo de pessoas sabia que poderia também fugir com ele e, de alguma forma, encontrar essa mesma bondade da qual não se sentia merecedor. Em última análise, se Tony havia conseguido juntar os restos do desastre que foi a sua juventude e transformar isso numa vida que valia a pena ser vivida, também nós sabíamos que podíamos, de algum modo, viver. Pela honestidade com que abordava o seu próprio passado e a empatia que demonstrava nas suas viagens e na sua escrita, pelo inabalável fascínio pelas pessoas e pela forma como vivem, Bourdain ofereceu-nos a todos uma renovada paixão que crescia a cada dentada.

«Travel changes you. As you move through this life and this world you change things slightly, you leave marks behind, however small. And in return, life – and travel – leaves marks on you. Most of the time, those marks – on your body or on your heart – are beautiful. Often, though, they hurt.»

A viagem de Tony acabou há pouco tempo. O seu final foi trágico, sim. Mas o que Bourdain deixou na nossa vida foi um legado ímpar de experiências memoráveis e, sobretudo, de coragem para as ter. **Inspirou-nos e seduziu-nos a tentar provar coisas novas, a travar novas e improváveis amizades e a comer o que normalmente deixaríamos no canto do prato.**

E agora, se nos dão licença, vamos cozinhar. Há um excelente jantar a ser preparado. Esperamos que faça o mesmo.

Sirva um copo de vinho e deleite-se.

Para ouvir:



Para cozinhar:





rdain

«your body
is not a temple,
it's an amusement
park. Enjoy
the ride.»

entrevista

Robert
Bryndza

ISO 1 KODAK

Robert Bryndza é atualmente um dos autores de policiais mais acarinhados pelos leitores portugueses. Nascido no Reino Unido, em Lowestof, uma pequena vila junto ao mar, estudou teatro e foi ator durante vários anos, até perceber que o queria realmente era ser escritor. Começou por publicar comédias românticas, mas foi com os seus policiais atmosféricos que conquistou milhões de leitores em todo o mundo.

Bestseller internacional, o escritor já vendeu mais de quatro milhões de livros, só em língua inglesa, e o seu policial de estreia, *A Rapariga no Gelo*, centrado na inspetora-chefe Erika Foster, está disponível em 29 países. Recentemente criou uma nova série de policiais em torno da detetive privada Kate Marshall, mas em entrevista à WOOKACONTECE desde a Eslováquia, onde vive atualmente, prometeu-nos que Erika Foster regressará em breve...

O seu primeiro policial, *A Rapariga no Gelo*, foi publicado há cinco anos. Desde então o livro vendeu 1,5 milhões de exemplares só em inglês e foi traduzido para 30 línguas. O que mudou para si?

Estou muito contente com o facto de os meus livros serem um sucesso em Portugal porque foi um dos primeiros países a comprar os direitos do livro numa língua estrangeira (que não o inglês). É muito bom ver a quantidade de leitores portugueses que gostam dos meus livros, tem sido fantástico!

Em termos práticos, o que mudou para mim foi sobretudo o facto de ter passado a ser escritor a tempo inteiro, que é algo que não pude fazer durante anos, tinha de acumular outros trabalhos. Felizmente agora tenho essa sorte. Essa foi a maior mudança, poder fazer o meu trabalho de sonho o dia todo, todos os dias.

Já escrevia comédias românticas antes de ter começado a escrever policiais. Porque é que escolheu mulheres para protagonistas dos seus livros policiais?

Penso que é mais interessante escrever sobre mulheres, especialmente se estão numa posição de poder. É verdade que muita coisa mudou, sobretudo nos últimos anos, vivemos num mundo com muito mais igualdade, mas julgo que ainda há um longo caminho a percorrer.

Falando especificamente sobre Erika Foster, é muito aliciante criar uma personagem feminina que é responsável por um grupo de homens e pela tomada de decisões. Há muitos conflitos envolvidos. É muito mais fácil para um homem ser chefe de um grupo de pessoas do que para uma mulher. As mulheres são mais julgadas, as suas decisões são mais escrutinadas. De uma perspetiva muito básica, esse é um ponto de partida interessante e há muito que pode ser explorado a esse nível no campo da ficção.

Ambas as suas protagonistas, tanto a Erika como a Kate, lutam com demónios interiores. Acha que as pessoas que passaram por experiências difíceis são mais interessantes em geral ou dão melhores detetives?

Tanto a Erika como a Kate já perderam bastante ao longo da vida. A Erika perdeu o marido, os amigos e colegas que tinha antes de se mudar para Londres. A Kate Marshall também já sofreu grandes perdas. Penso que por não terem família, filhos ou pessoas que dependam delas são livres para tomarem decisões mais dramáticas. Têm menos a perder, podem ir mais longe.

A Erika, por exemplo, põe-se a ela própria muitas vezes em perigo, arrisca muito para conseguir descobrir algo e não tem de se preocupar em voltar para casa, para os filhos, ou em deixá-los sem mãe. O mesmo acontece com um marido. Não voltou a ter ninguém na sua vida, por isso pode correr mais riscos. Não digo que isto seja algo positivo, de maneira nenhuma, porque acho que ambas sofrem por causa disso, mas

«Não planeio os meus livros de forma rígida, prefiro que a escrita possa seguir diversos caminhos.»

ao mesmo tempo isso permite-lhes ser mais irresponsáveis, digamos, talvez também mais honestas e verdadeiras. Muitos de nós temos de nos certificar de que não magoamos determinadas pessoas, há coisas que não podemos dizer ou fazer, porque a nossa família e os nossos amigos podem sofrer as consequências. A Erika e a Kate não têm esse tipo de “bagagem” a prendê-las.

No seu site oficial menciona que eventualmente voltará a escrever livros da série da Erika Foster. Porque decidiu fazer uma pausa e criar outra heroína, a detetive Kate Marshall?

Sempre quis fazer coisas diferentes enquanto escritor, sempre escrevi coisas diferentes. Tive muita sorte por a série da Erika ser um sucesso e haver tantos leitores interessados nos livros, isso é ótimo. Mas a minha forma de trabalhar, há uns anos, consistia em escrever dois ou três livros por ano, o que é uma pressão enorme. Até costumo brincar com isso: publico um livro novo, os leitores compram-no, leem-no num par de dias e perguntam logo: quando é que sai o próximo? Isso é muito bom, o facto de manifestarem tanto interesse, mas, enquanto escritor, passo todos os dias a trabalhar no mesmo livro, que demora cerca de seis meses a ser escrito, e os leitores podem sempre ir lendo outras coisas, variar. Como escritor, isso também é importante, poder diversificar um pouco.

Adoro os meus leitores e adoro a Erika Foster, mas precisava de escrever algo um pouco diferente, para a minha própria sanidade mental e também para manter a novidade, é refrescante.

Agora estou entusiasmado com a ideia de voltar à Erika Foster, até já tenho planos para um ou dois livros

e acho que muito em breve dedicar-me-ei à próxima aventura da Erika. Esta pausa também deu à personagem uma oportunidade de “descansar” um pouco. Quando regressar a ela, talvez já se tenham passado alguns anos no seu universo e isso trará uma nova energia à série, o que é entusiasmante.

Alguma vez lhe ocorreu “matar” a sua personagem principal?

Não. Nunca pensei nisso. Quero continuar a escrever sobre estas personagens enquanto houver leitores que queiram ler sobre elas, para mim é um prazer enorme. E a Erika Foster é a personagem mais popular de todas as que já criei, o que é incrível. Sinto-me muito sortudo por poder fazê-lo.

Como planeia os seus policiais? Sabe sempre quem é o assassino?

Não, às vezes sei e outras não. Por exemplo, no primeiro livro, *A Rapariga no Gelo*, quando estava a escrever a primeira versão não fazia ideia de quem era o assassino. E só quase no final é que percebi, o que é muito estimulante. Depois voltei atrás, trabalhei nas versões seguintes do manuscrito e o livro passou ainda pelas mãos do editor.

Quando digo que não sei quem é o assassino sei que soa um pouco estranho, mas isso passa-se apenas enquanto estou a trabalhar na primeira versão do manuscrito.

Já no sexto livro da série da Erika Foster, *Segredos Mortais*, por exemplo, tinha desde o início uma ideia muito clara de quem seria o assassino e de como a história acabaria. Depende. Mas não planeio demasiado os meus livros, de uma forma muito rígida, gosto que a escrita possa ir seguindo diversos caminhos e que me surpreenda a mim também. Penso que isso acaba por tornar tudo mais interessante para os leitores.

E como é que se prepara para escrever? Viaja para Londres para percorrer os locais onde se passa a ação? Fala com alguém da Polícia? Da equipa forense?

Vivi em Londres durante dez anos. Nessa altura era ator e fazia todo o tipo de trabalhos, percorri muitas vezes a cidade de uma ponta à outra e fiquei a conhecê-la muito bem, especialmente a área onde decorrem os livros de Erika Foster, que era onde morava.

Agora, por causa da pandemia, já não vou a Londres há cerca de um ano. Nunca tinha estado tanto tempo

sem lá ir, geralmente viajo muitas vezes para Inglaterra, para ver a família e os amigos. Por isso, conheço a cidade de Londres muito bem e passei por muitas experiências enquanto lá vivia.

No que diz respeito aos procedimentos da polícia, sim, estive em contacto com agentes da polícia e essa é, aliás, uma das partes mais interessantes de escrever este tipo de livros. Tive a sorte de poder falar com quatro ou cinco detetives da polícia e também com o diretor de uma prisão. Conversei com ele para escrever o primeiro livro da Kate Marshall e essa é realmente uma das fases mais interessantes do processo de criação.

É curioso, porque os melhores agentes da polícia são aqueles a quem dizemos: "Estou a pensar escrever isto ou gostava que no livro acontecesse aquilo." E eles respondem que na realidade isso nunca aconteceria, mas dizem-nos o que poderia suceder em contrapartida. Ou então contam-nos uma experiência semelhante que tiveram. Isso é fantástico, porque abre as possibilidades criativas e dá-nos tantas ideias novas! Para o terceiro livro da Erika Foster, em que ela encontra o corpo de uma jovem num reservatório, falei com a chefe dos polícias-mergulhadores de Londres e ela contou-me todo o tipo de histórias acerca de mergulhar para recuperar cadáveres e o género de coisas que encontram. Muitas dessas coisas foram depois usadas no livro.

Conversa sobre o livro com o seu marido, o seu editor ou mais alguém, ainda antes de terminar a primeira versão do manuscrito?

O meu marido é sempre o meu primeiro leitor. Geralmente vou-lhe enviando partes do livro para o Kindle, à medida que vou escrevendo, e ele lê-as e diz-me o que acha. O primeiro feedback é sempre dele e sei que provavelmente é também o mais honesto de todos.

Mas também estou em contacto regular com o meu editor. A primeira vez que lhe mostro o livro é quando termino a primeira versão e depois ele dá-me também o seu feedback.

Qual foi o livro mais difícil de escrever?

Provavelmente o mais recente, *A Noite Está a Chegar*. Foi o mais difícil porque tinha uma ideia muito clara do que queria que o livro fosse, mas terminei a primeira versão e... cheguei à conclusão de que não resultava. Tive de voltar de atrás, deitei ao lixo essa primeira versão quase na totalidade e reescrevi tudo. Faço

muitas vezes isso, reescrevo muito, mas este livro em especial foi difícil porque me atrasei muito nesse processo. Apercebi-me de que não estava a funcionar e que, se o publicasse assim, arriscava-me a que fosse um *flop* e não queria desiludir os meus leitores. Por isso fui doido o suficiente para reescrever o livro todo durante a fase de *copy* e edição. Mas estou muito contente, acho que resultou num livro muito melhor.

Lê outros livros enquanto escreve? De que género?

Sim, leio, mas não policiais, porque tenho medo de acabar por reproduzir de alguma forma na minha escrita o que estou a ler. Além disso, se ler policiais enquanto estou a escrever, essas leituras parecem-me trabalho e não lazer.

Adoro policiais, mas se ler um livro desse género enquanto estou a escrever, começo a olhar para ele de outra forma, a analisá-lo, a reparar na estrutura, e acabo por não disfrutar da história. Leio sobretudo não ficção ou ficção científica enquanto escrevo.



©Ján Bryndza

Os livros 1, 3 e 5 da série da Erika Foster e o livro 2 da Kate Marshall começam todos com um cadáver debaixo de água. Há algo nas águas profundas que as torna particularmente assustadoras?

Nunca me tinha apercebido disso! Gosto muito da água em geral e adoro o mar, mas realmente acho que a água à noite parece bastante assustadora. Posso estar junto ao mar, num sítio lindíssimo, de férias, e durante o dia adoro ir para o mar e nadar, mas à noite não consigo chegar sequer perto da água, aterroriza-me. Não sei de onde vem isso... Talvez de ver o filme *Tubarão*, quando era mais novo... Aquela cena da festa na praia, em que a rapariga vai nadar no mar durante noite e o tubarão a apanha... ficou gravada na minha memória. É um grande filme e essa cena é terrível. Quando escrevo penso em coisas que me assustam; acho que se me assustam a mim é mais fácil transmitir isso ao leitor.

«Quando escrevo penso em coisas que me assustam. Se me assustam a mim é mais fácil transmitir isso ao leitor.»

Já alguma vez passou por um mistério como o dos seus livros na vida real?

É uma boa pergunta. Acho que não, mas vi algumas vezes cadáveres e isso por si só foi bastante chocante. Tento sempre recordar essa sensação quando estou a escrever porque, no mundo moderno, com tanta televisão e tantos filmes, as pessoas tendem a perder a sensibilidade à morte.

Tive duas experiências desse tipo: quando tinha 12 ou 13 anos, costumava apanhar o autocarro para a escola e lembro-me que uma vez passámos junto ao local de



um acidente e havia um cadáver na estrada. Estava tapado com um lençol e perturbou-me muito. Aconteceu também algo semelhante muito tempo depois, já mais recentemente. Íamos de férias, de carro, da Eslováquia para a Croácia, e o percurso em autoestrada é bastante longo. Num trecho do trajeto, tinha havido um acidente. Quando passámos tinham desimpedido o carro e havia o cadáver de um homem na estrada, estendido. Estava vestido de uma forma completamente normal e não se via nada de especial, era como se fosse uma pessoa ali deitada, mas estava morto. Foi uma experiência inquietante.

Nunca passei por um mistério como os dos meus livros, mas considero experiências como estas muito perturbadoras e penso sempre nelas quando escrevo, para descrever a violência e a morte de uma forma tão honesta quanto possível, para não ser frívolo acerca de assuntos como estes.

Gosto muito de filmes de ação, mas têm esse problema: há tanta violência, lutas corpo a corpo, as personagens levam socos e pontapés, acontece-lhes tanta coisa, que acabamos por olhar para isso de forma quase normal, perdemos a sensibilidade à violência.

Já alguma vez se assustou com um dos seus livros, enquanto o escrevia?

Há algo que me ocorre imediatamente a propósito disso: tinha acabado de escrever o primeiro livro da Erika Foster, *A Rapariga no Gelo*. Isto foi ainda antes de ter sido publicado, cerca de dois meses antes, tinha terminado o livro há muito pouco tempo. Fomos passar uns dias a um spa na Eslováquia e ficamos num hostel no meio do nada. Estava a nevar, a parte de trás da pensão dava para uma floresta e na casa de banho do nosso quarto, junto à janela, havia um pequeno ventilador. Em *A Rapariga do Gelo* há uma cena em que o assassino trepa pela parte de trás do edifício onde a Erika vive, até chegar ao seu apartamento.

Depois dá um murro do lado de fora do ventilador, parte-o, consegue introduzir a mão por essa abertura, abre a janela e entra em casa dela. Ver aquele ventilador no hostel pouco tempo depois de ter escrito isto assustou-me muito. Pensei que se eu tinha escrito aquela cena, então alguém provavelmente conseguiria fazer a mesma coisa e entrar no nosso quarto. Fiquei tão assustado que não preguei olho a noite toda!

E qual foi o livro de outro autor que mais o assustou?

Sou um grande fã da série do *Hannibal Lecter*, de Thomas Harris, e esses livros continuam a assustar-me até hoje. Acho-os simplesmente brilhantes! Já os li muitas vezes, por isso talvez já esteja um pouco habituado a eles, mas ainda me lembro da primeira vez que li *Hannibal* e fiquei completamente aterrorizado.

Partilhou recentemente nas redes sociais a capa da edição norte-americana do terceiro livro da série da Kate Marshall. Já está a escrever um livro novo?

Não, ainda não sei o que vou escrever a seguir. Estou na fase final da edição de *Darkness Falls*, que deve terminar nas próximas semanas, e só depois decidirei o que escrever. Espero poder anunciá-lo em breve, mas ainda não sei o que será.

O que posso dizer é que escreverei seguramente mais livros da Erika Foster e da Kate Marshall, mas poderei também escrever algo completamente diferente.

A pandemia e o confinamento afetaram a sua rotina de escrita?

Não, porque já trabalho em casa há dez anos. O que se passou foi que, com tudo isto, as fronteiras entre trabalho e lazer se tornaram mais ténues. Não podemos sair, fazer nada, e isso é estranho. Os dias de semana são muito longos, creio que isso tem sido o mais esquisito na minha rotina. Continuo a conseguir escrever como antes, mas sempre tentei, em tempos de normalidade, ir a algum lado durante o fim de semana ou sair à noite, para quebrar a rotina, e não tenho podido fazer isso.... Julgo que essa foi de facto a maior mudança.

Sabemos que gosta muito dos livros de Thomas Harris da série Cormoran Strike, da J. K. Rowling, e da autora Sue Tonwnsend. Para além disso, pode dizer-nos qual foi o último livro que leu e adorou?

Leio muita ficção científica e adoro os livros do Andy Weir. Reli recentemente *O Marciano* e o segundo livro dele, *Artemis*, acerca da colónia na lua, que adorei. E vai sair um livro novo dele em breve que parece muito interesse, estou em pulgas para lê-lo.

«Se eu o escrevi, então alguém poderia fazê-lo e entrar no nosso quarto. Fiquei tão assustado que não preguei olho a noite toda!»

E séries de televisão?

Sim, tenho visto tantas séries! Vi recentemente o *Gambito de Dama*, na Netflix, e *Lupin*, a série francesa... Também sou grande fã do *RuPaul's Drag Race*. E vejo alguns programas de televisão eslovacos [o autor vive atualmente na Eslováquia].

Agora há muita coisa boa na televisão. A Netflix, por exemplo, tem séries e filmes de muitas partes do mundo, o que há uns anos não era fácil de encontrar. Não há muitas séries estrangeiras que tenham sido adaptadas para a língua inglesa e o que me agrada na Netflix é o facto de ter feito isso com qualidade. A nível do universo anglo-saxónico, julgo que as pessoas estão agora mais dispostas a ver algo estrangeiro, dobrado em inglês, porque a Netflix faz isso muito bem.

E podcasts? Ouve? Recomenda algum?

Ouçoo muitas coisas no Audible e uma espécie de podcast que já ouvi imensas vezes é o *West Cork*. É sobre um homicídio por resolver em West Cork, na Irlanda. É um crime real e o podcast em si foi muito bem feito. Já o ouvi imensas vezes! Mas não sou muito de podcasts, leio muito, vejo muita televisão e, quando posso, faço caminhadas com os meus cães.

七人の侍 Shichinin no Samurai

Wook que se escreve no Japão

Os Sete Samurais é considerado por muitos um dos melhores filmes de todos os tempos. A história relata como um grupo de indefesos aldeões do século XVI recorreu à ajuda de 7 heróis para os defenderem dos bandidos que constantemente lhes saqueavam as colheitas. Tendo a obra prima de Akira Kurosawa como inspiração, a WOOK «contratou» 7 grandes mestres para defender o melhor que se escreve no Japão. Prepare-se!

1 **Murasaki Shikibu** 紫式部

Autora da obra mais célebre do período Heian (794 a 1185), também conhecido como a fase de ouro da literatura japonesa, Murasaki Shikibu deixou-nos algo que atravessou os séculos e que continua a ser uma referência para milhões de leitores, o grande clássico da narrativa japonesa e o primeiro romance psicológico da literatura universal. Os historiadores relatam que a sociedade daquela altura via as mulheres como incapazes de demonstrar inteligência, pelo que não lhes instruiu a língua chinesa. Shikibu, contudo, tornou-se proficiente enquanto ouvia as lições dadas ao seu irmão e, mesmo quando o próprio pai demonstrava pena "por ela não ter nascido rapaz", a autora provou estar à frente do seu tempo, deixando-nos

uma obra de arte que contempla o que significa ser humano.

2 **Ryunosuke Akutagawa** 芥川 龍之介

Considerado o pai do conto japonês, Ryunosuke Akutagawa é uma figura incontornável da literatura japonesa e empresta o nome ao prémio literário japonês de maior prestígio para aspirantes a escritores. Escritor, poeta, ensaísta, foi um dos primeiros modernistas japoneses a serem traduzidos no Ocidente. As suas histórias e os seus haikus são de leitura obrigatória nas escolas japonesas, influenciaram gerações de escritores, como Haruki Murakami, e inspiraram filmes de culto. A sua obra reflete o espírito de mudança cultural que surgia no novo Japão e a própria história do país.



3 **Yukio Mishima** 三島由紀夫

Conhecido tanto pela sua escrita nihilista como pelo seu polémico suicídio por seppuku, Mishima nasceu no seio de uma família de samurais, imbuída com o seu código de honra, controlo total

sobre corpo e mente e lealdade ao imperador. A qualidade inegável da sua escrita atestava os vários rumores que corriam sobre a possibilidade de vencer um Prémio Nobel de Literatura mas, infelizmente, a tragédia aconteceu. A sua filosofia e a forma como via a vida, o sexo, a beleza e a política convergiram de uma forma



que o levou a criar as circunstâncias da sua própria morte. Com o seppuku, expressou, de uma só vez, as suas ideias sobre o nacionalismo japonês, o homem ideal, a fragilidade da forma humana e tentou receber penitência por evitar o serviço na Segunda Guerra Mundial.

O seu objetivo final pode muito bem ter sido criar uma história que viveria para sempre.

4 **Kenzaburō Ōe** 大江 健三郎

Quando era uma criança, Oe disse à sua mãe que iria vencer o Prémio Nobel da Física. 50 anos mais tarde, depois de lhe anunciar alegremente que tinha sido laureado com o Nobel da Literatura, a sua mãe respondeu que ele não havia ganhado o Nobel que lhe prometera. E ainda bem! As suas obras são de cariz sonhador e introspetivo, e a forma como Oe faz a justaposição do mundano com eventos extraordinários, recorrendo extensivamente à memória e à narrativa desordenada, dá-lhes um toque único que evoca muitas emoções e pensamentos inquietantes. Oe demonstra uma capacidade aguda e intensa de explorar a solidão, as obrigações sociais e a inquietação existencial com humor seco e prosa cativante. Se Oe não é uma influência direta, poderá ser considerado, pelo menos, um precursor muito claro de Murakami (o que não deixa de ser curioso dado que é um dos maiores críticos do autor e fala abertamente contra o seu trabalho por não ser "suficientemente japonês").

5 **Yoko Ogawa** 小川 洋子

Quando Patrick Lafcadio Hearn chegou ao Japão em 1890, começou de imediato a escrever histórias de fantasmas. Ao serviço da **Harper's Magazine**, teria sido encarregado de explorar e explicar

um país desconhecido ao público americano. Que a sua resposta foi escrever sobre os espíritos do Japão não deveria ter surpreendido ninguém: o Japão vive com os seus fantasmas como nenhuma outra cultura.

Desde os tempos antigos, a religião e a cultura do Japão estão profundamente ligadas a fantasmas, chamados yūrei, que nunca podem ser destruídos, apenas saciados. O desejo é a chave para os yūrei porque há algo que eles querem e é isso que lhes dá um propósito. A sua manifestação pode ser tão benigna como dar um último "obrigado" nunca dito em vida, ou tão aterrorizante quanto despedaçar a terra de raiva. Hearn disse que o Japão obedece ao governo dos mortos e descreveu um relacionamento em que os vivos devem pacificar os mortos e, em troca, os mortos zelam pelos vivos. "E a mão dos mortos pesava," Hearn escreveu: "é pesada para os vivos até hoje". A mão é de tal forma pesada que seria impossível descartar os *thrillers* japoneses da nossa lista. Têm vindo a conquistar leitores um pouco por todo o mundo e, apesar de Yoko Ogawa encabeçar a nossa lista, há muito mais para descobrir, por isso, cheguem-se para lá *thrillers* nórdicos...

6 **Haruki Murakami** 村上春樹

Há muitos que conseguem contar uma história que se assemelhe a um sonho, mas é extremamente raro que um autor consiga fazer com que o leitor sinta que é ele próprio que está a sonhar e capturar na perfeição o sentimento

de navegar na vida a solo. A ficção de Murakami é frequentemente surrealista e melancólica ou fatalista, marcada por uma versão kafkiana dos temas recorrentes de alienação e solidão. Com ela o autor conquistou a imaginação de um vasto público internacional, e, ano após ano, é considerado um forte candidato ao Prémio Nobel de Literatura. Mas, se o rumor do Nobel o persegue, a crítica também. Os seus trabalhos desafiadores de género, humorísticos e surreais, geram debates acirrados no Japão sobre se são verdadeiras obras de "literatura" ou simples ficção pop.

Apesar de um dos seus livros, **1Q84**, ter sido classificado no Japão como a melhor obra de ficção publicada na era Heisei (1989–2019), a sua ficção é, às vezes, criticada pelo *establishment* literário japonês como sendo não-japonesa.

7 Eiichiro Oda 尾田 栄一郎

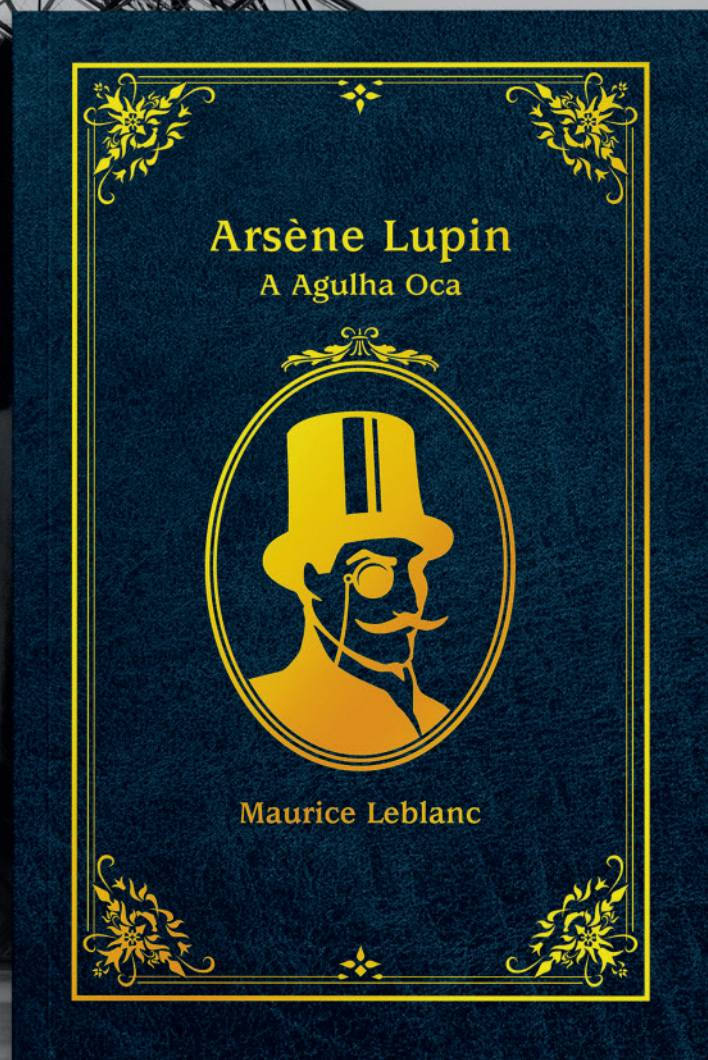
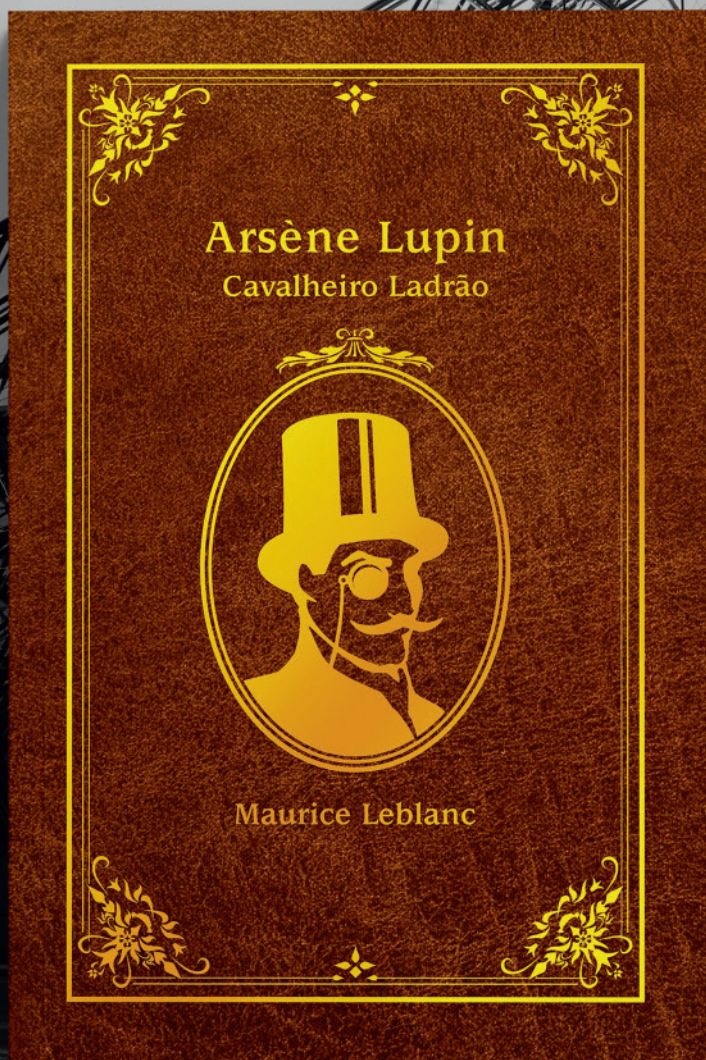
Oda, ou "Goda" como lhe chamam os seus seguidores, é o mangaka que criou **One Piece**, a manga que é publicada desde 1997 e que veio mudar as mangas para sempre.

A série arrecadou o título de manga mais vendida de todos os tempos e colocou assim o seu criador no panteão dos autores japoneses. Superficialmente, *One Piece* é uma história sobre piratas de todos os tipos. No entanto, na sua essência, os piratas são apenas uma parte da história. Os protagonistas, antagonistas e até as personagens secundárias, são apenas pessoas percorrendo o seu caminho num universo magistralmente elaborado e em constante expansão. Oda conseguiu criar um mundo que faz inveja a muitos autores de literatura fantástica e se os já mais de 1000 capítulos o intimidam, damos-lhe a garantia que a história de *One Piece* tem vindo a melhorar consistentemente a cada novo lançamento.

Se Akira Kurosawa conseguiu reunir os elementos que pretendia em 7 personagens fortes, para nós, foi particularmente complicado condensar a riqueza e os contrastes da literatura japonesa em apenas 7 autores. É por isso que lhe fazemos o convite para que se atreva a explorar este mundo inacreditável onde a serenidade e leveza dos haikus dão lugar aos thrillers mais pesados e macabros que já lemos. Onde os romances convergem realidade com sonho e magia, e onde as mais excêntricas mangas nos conseguem mover verdadeiramente. Na terra do sol nascente, há mesmo muito para absorver.

Wook espera?





A SAGA QUE MUDOU A VIDA DE ASSANE EM

LUPIN DA **NETFLIX**
DANS L'OMBRE
D'ARSENE

de **A a W**

Adolfo Luxúria Canibal

Desta vez o nosso convidado é Adolfo Luxúria Canibal. Artista multifacetado, fundou o grupo de rock Mão Morta, do qual é vocalista e letrista. Criou espetáculos de *spoken word* e concebeu performances, como a instalação *The Wall of Pleasure*, inaugurada na Rooster Gallery, em Nova Iorque, além de ter participado como ator em curtas-metragens, peças de teatro e numa série de televisão. É ainda coautor de um filme para o festival de Curtas-Metragens de Vila do Conde e um espetáculo de dança. Em 2018 teve a sua poesia reunida no volume *No rasto dos duendes eléctricos*.

A

Alumiar. Um verbo cada vez mais arcaico, mas tão bonito – como no provérbio «candeia que vai à frente duas vezes alumia». ¶

B

Bois. Adoro o surrealismo popular das expressões idiomáticas *non sense* tipo «foram-se as vacas, ficaram os bois». ¶

C

Camões. Como dizem os catraios, a rimar, «perdeu um olho por dois tostões». ¶

D

Desejo. Há quem diga que a fé move montanhas, mas prefiro a perspetiva psicanalítica que centraliza tudo no desejo – «o desejo move montanhas». ¶

E

Esmoer. Esse típico estado ruminante que sobrevém às almoçadas minhotas. ¶

F

Faz-de-conta. A palavra mágica do acesso iniciático ao reino da imaginação. ¶

G

Gatos. Cá em casa moram três, dois machos e uma fêmea, e uma cadela para tomar conta deles. ¶

H

Hiena. Segundo Heiner Müller é o animal heráldico das matemáticas, porque o seu deus é o zero. ¶

I

Índia. Já foi a visão mística do Ocidente na demanda de Shambhala. ¶

J

Jogo. O fascínio das brincadeiras da infância. ¶

K

K7. O mais célebre suporte da pirataria musical. ¶

L

Lugar. Todos temos um na nossa psicogeografia pessoal – o meu é secreto. ¶

M

Mangusto ou magusto. Entre os dois há n diferenças, tantas ou mais quantas as diferenças entre o saca-rabo e a jeropiga. ¶

N

Norte. Deve-se perdê-lo pelo menos uma vez na vida, para experimentar a sensação de ficar desnorteados. ¶

O

Ovo. Há sempre um «ovo de Colombo» para suplantar as dificuldades. ¶

P

Punhetas de bacalhau. Abomino bacalhau, mas adoro esta brejeirice popular de «chamar os bois pelos nomes». ¶

Q

Quinhão. Palavra estranha, esta – quando a ouço pergunto-me sempre onde estão ou para quem são os outros quatro. ¶

R

Revolução. A festa desbragada mais absoluta e incontrolável, que transfigura o porvir numa leve aragem. ¶

S

Silhas. As dos ursos são as mais faladas, resquícios de uma época remota em que os ursídeos vagueavam pelas montanhas geresianas a lambuzarem-se de mel. ¶

T

Telha. «Estar com a telha», «dar-lhe na telha» ou «ter telhas» são sempre coisas da cabeça. ¶

U

Uivo. O longo bramido solitário à lua que valeu a Allen Ginsberg um famoso poema e a primeira pedra da contracultura beat. ¶

V

Vamos. É uma interjeição de movimento sempre irresistível. ¶

W

Warlocks. Os meus *beautiful losers* preferidos. ¶

A ideia: o convidado deve percorrer as letras de A a W (de WOOK) e dizer... o que bem entender.
O desafio: a ausência de amarras criativas; a criatividade.
O resultado: sempre uma incógnita.





@Lori Barra

Entrevista

Isabel Allende. Será preciso dizer mais?

Começou a escrever aos 40 anos e, felizmente para nós, leitores, nunca mais parou.

Tornou-se rapidamente numa das escritoras mais acarinhadas, celebradas e vendidas em todo o mundo. E, aos 78 anos, é também, provavelmente, uma das personalidades públicas mais interessantes da atualidade. Levou (e leva) uma vida muito cheia, tão rica em experiências e mudanças como a das personagens das suas histórias.

Falou connosco a partir da sua casa na Califórnia, onde vive com o marido, Roger, vários cães e muitos livros. Diz que isso, além de escrever, é tudo aquilo de que precisa para ser feliz.

«A Casa dos Espíritos (...) pavimentou o caminho para os livros que escrevi depois, deu-me uma voz, fez-me escritora quando eu não era ninguém.»

Nasceu no Peru, mas a sua família é chilena. Ao longo da vida residiu em diversos países, passou muitos anos na Venezuela e agora vive na Califórnia.

Considera-se chilena?

Não sou totalmente chilena. Pablo Neruda disse que era um eterno desterrado e eu penso que continuo a ser sempre estrangeira.

Antes de mais, sou estrangeira porque nasci no Peru, mas cresci no Chile. Depois, a minha mãe casou-se com um diplomata e vivi em muitos países diferentes durante a infância. Finalmente voltei ao Chile, casei-me, tive dois filhos, mas deu-se o golpe militar e fui como refugiada para a Venezuela. E depois vim como imigrante para os Estados Unidos.

Atualmente, quando vou ao Chile (antes, quando os meus pais eram vivos, ia com muita frequência, agora vou menos) sinto-me também estrangeira, porque já há 40 anos que não vivo no país e é claro que, entretanto, o mundo mudou, o Chile mudou e eu também mudei.

Por isso, nem sou completamente norte-americana, nem sou completamente chilena. Um pé aqui e um pé lá, e não me sinto obrigada a escolher.

Escrevo em espanhol, a minha mentalidade é chilena, mas vivo em inglês, na Califórnia, casada com um americano. E os meus amigos são todos americanos, por isso vivo entre os dois países.

Viveu em muitos lugares, teve muitas vidas.

Quando mudava de país, sentia que perdia uma parte de si mesma ou, pelo contrário, ia sempre ganhando coisas novas?

Quando viajava muito, durante a infância, havia de facto um sentimento de perda. De cada vez que mudava para outro país perdia a escola, os amigos, o idioma, o cão... sempre tive um cão e era preciso deixar o cão para trás...

Mas depois, já adulta, sinto que com cada mudança ganhei algo. Ganhei visão de mundo, experiência, histórias, conheci tanta gente... Mas, precisamente por isso, sou uma pessoa muito desprendida. Não me apego facilmente a nada. Excetuando o meu filho e alguns (poucos) amores, sou muito desprendida. Posso abandonar a casa, o país, tudo, facilmente.

Quando publicou o seu primeiro livro tinha 40 anos.

Vinte e quatro livros depois, com a obra traduzida em 42 idiomas, ser escritora mudou a sua vida?

Há um antes e depois?

Sim, sem dúvida. Há um antes e um depois de **A Casa dos Espíritos**. Quando escrevi esse livro tinha realmente cerca de 40 anos e a minha vida não ia a lado nenhum. Era uma vida aborrecida, de trabalho, sem objetivos. O meu casamento não estava bem, os meus filhos já tinham ido para a universidade ou estavam quase a fazê-lo, ou seja, eram adolescentes e já não precisavam de mim. Sentia que a minha vida

era um fracasso. Estava muito insatisfeita, sentia um vazio interior. E uma grande nostalgia em relação a regressar ao Chile. Porque tinha deixado para trás, no Chile, tudo o que me tinha feito feliz nos anos anteriores, nomeadamente o jornalismo. Tinha a fantasia de que, se voltasse ao Chile, iria recuperar tudo isso. Mas já tinham passado muitos anos e a ditadura continuava muito firme no Chile, não havia a possibilidade de voltar.

E então comecei a escrever **A Casa dos Espíritos**, sem ambições nenhuma, sem um plano. No início não pensei que acabasse por se tornar um romance, que seria publicado, nada disso. E tudo o que me aconteceu graças a esse livro foi como um presente do céu. Primeiro, que a agente literária, Carmen Balcells, o aceitasse; depois, que o publicassem; depois, que fosse um sucesso na Europa, foi traduzido para vários idiomas... Tudo isso foram coisas que foram acontecendo, umas a seguir às outras, totalmente inesperadas, presentes, de facto.

Não me dei conta nesse momento, mas um ano mais tarde já sabia que a minha vida tinha mudado. Porque já estava a escrever um segundo livro. Continuava a trabalhar na escola, não deixei o meu trabalho porque não podia, precisava do dinheiro, mas já tinha outra história na cabeça, energia, entusiasmo, vontade de viver. Já não me importava que o meu casamento não funcionasse e que os meus filhos fossem sair de casa, não queria saber! O que importava era a história que tinha para contar. E tudo mudou. **A Casa dos Espíritos** foi uma maravilha, um milagre. Pavimentou o caminho para todos os livros que escrevi depois, deu-me uma voz, fez-me escritora quando eu não era ninguém. Ligou-me ao mundo.

É verdade que começa sempre a escrever os seus livros a 8 de janeiro?

Sim, por disciplina e por superstição. (Risos)
Por disciplina, porque a minha vida é complicada. Se não reservasse uns meses do ano para escrever em silêncio, sozinha, não conseguiria fazê-lo. Há demasiado ruído, demasiadas coisas lá fora a que tenho de responder e não quero, porque o que quero é escrever e mais nada, mas não é possível.
Por superstição, porque comecei **A Casa dos Espíritos** no dia 8 de janeiro de 1981. E foi um livro tão afortunado, que comecei o segundo na mesma data e depois o terceiro também. E agora já não me atrevo a mudar isso, porque, se o fizer, vai ser um fracasso!

Os seus espíritos, como a sua mãe e a sua filha Paula, sente-os mais perto quando escreve?

Não, porque quando escrevo distraio-me. Quando escrevo estou completamente concentrada na história que estou a contar.
Paula e a minha mãe, o meu padrasto, os meus avós... Esses seres (e alguns cães, também), que amei muito, que me acompanharam e que continuam a acompanhar-me, são como uma presença subliminar, estão em toda a parte, sempre comigo.
Tenho as suas fotografias em todo o lado. Levanto-me de manhã, vou à casa de banho, lavo o rosto e tenho aí as fotos da minha mãe e de Paula. A primeira coisa que faço é saudá-las. E a última coisa que faço, quando lavo os dentes à noite, é dizer-lhes «boa noite».
Estão comigo o tempo todo. Mas estão como... como dizê-lo? Como uma presença silenciosa, que não incomoda. Mas estou sempre consciente de que estão comigo, em toda a parte. Vivo com os meus espíritos.

As personagens dos seus livros também se convertem em espíritos que a acompanham?

Não, as minhas personagens, é como se fossem pessoas. Quando começo a escrever um romance as personagens ainda estão um pouco difusas. E, à medida que vou acrescentando coisas ao texto, vão tomando forma, até se tornarem tão reais e tridimensionais como se estivessem aqui, nesta divisão, de pé diante de mim. Por exemplo, hoje estive a escrever sobre uma personagem que estou a criar e vejo-a perfeitamente! É um alemão gordo, rosado, com o cabelo espetado, é boa gente, barulhento, gosta de beber, vejo-o aqui de pé, à minha frente!

E o que acontece quando os seus livros são adaptados ao cinema ou para a televisão? Porque pode acontecer que o ator não seja parecido com a personagem que a Isabel imaginou ao escrever o romance.

Quando publicamos um livro ele vai-se embora, parte. Deixa de ser nosso para passar a pertencer a outras pessoas, ao mundo, aos leitores, seja a quem for. Depois vêm outros criadores, pegam nessa história e fazem com ela o que quiserem. Com os meus livros já fizeram ballet, ópera, musicais, séries de televisão, cinema... Mas foram outras pessoas que o fizeram e isso pertence-lhes a elas. Essa é a sua visão. E não me meto nisso.

Quando fui ver pela primeira vez o filme **A Casa dos Espíritos**, apercebi-me logo de que era bastante diferente do meu livro: os atores não eram parecidos

com os meus avós e a casa não tinha nada a ver com a Casa dos Espíritos. Mas isso não importa! Libertei-me de tudo isso e gostei do filme.

Agora, o livro ***Inés da Minha Alma*** acaba de ser adaptado para série de televisão. Filmaram a série em Espanha e no Chile, é lindíssima! Eu tinha imaginado outra coisa, personagens fisicamente diferentes dos atores da série. Mas agora já não consigo imaginar essas personagens. As que vejo quando penso na minha história são os atores da série. São muito melhores do que os que eu tinha imaginado! (Risos) É melhor não nos metermos, deixar que façam o que quiserem.

Durante grande parte da vida escreveu cartas à sua mãe com muita frequência.

Tenho 24 mil cartas da minha mãe! Não estou a exagerar, escrevemo-nos durante muitos anos. No final de cada ano, ela devolvia-me as cartas que eu lhe tinha escrito a ela, eu juntava-as às cartas que ela me tinha escrito a mim, e punha-as todas numa caixa de plástico, com o ano. Assim fui acumulando caixas. Depois, as cartas mais antigas começaram a deteriorar-se e o meu filho decidiu que era melhor digitalizá-las. Contratou uma empresa que pegou nas caixas todas e calculou que em cada uma havia entre 600 e 800 cartas. Um total de quase 24 mil cartas! Estão todas guardadas numa garagem.

Não tem planos para fazer uma seleção e publicá-las?

Prometi à minha mãe que nunca ninguém, para além de mim, as leria. É que falávamos de tudo! E dizíamos coisas horríveis de outras pessoas... A minha mãe queixava-se do meu padrasto, eu queixava-me dos meus maridos, bem, tudo!

E atualmente? Escreve cartas como essas ou emails a alguém?

Escrevo milhões de emails para responder aos que recebo, mas, correspondência regular, só com o meu irmão Juan. E não o faço todos os dias, como com a minha mãe. À minha mãe escrevia todos os dias e, às vezes, duas vezes por dia!

Falemos do seu livro mais recente, *Mulheres da Minha Alma*. Aí conta que quando era criança era muito difícil ser mulher e que não era possível mudar de sexo. Hoje, pelo menos no mundo em que vivemos ambas, felizmente é possível mudar de sexo, a homossexualidade é aceite e é mais fácil ser mulher, mas não muito.

Não acredito que a solução para esta guerra que existe contra as mulheres seja mudarmos todas de sexo. São muito poucas as pessoas que fazem isso e fazem-no porque sentem no fundo do seu coração que pertencem a outro género, não ao que lhes coube biologicamente. Mas isso são exceções. É uma maravilha que o possam fazer e que sejam completamente aceites pela sociedade.

Bom, na nossa sociedade.

O mesmo acontece com ser gay. Também não é essa a solução para esta guerra contra as mulheres [tornarmo-nos todas gays]. O que tem de terminar é o patriarcado. O patriarcado é um sistema que dá supremacia ao género masculino. Não a todo, mas a uma parte do género masculino, sobre as mulheres, sobre outras espécies, sobre a natureza, sobre outros homens... E este é um sistema que se mantém com base na opressão e na violência. E nós, mulheres, somos as suas primeiras vítimas.

Mas isto pode mudar. Não existe razão para que continue a ser assim e as coisas estão de facto a mudar, ainda que devagar. É certo que poderíamos avançar mais depressa. Mas, ao longo da minha vida, já se conseguiu muito. É preciso repetir: nesta parte do mundo. Porque há lugares do planeta em que meninas são mutiladas genitalmente, são vendidas para casar enquanto são ainda crianças, são vendidas para fazer trabalho forçado, para a prostituição... O feminicídio ainda passa impune em muitas partes do mundo.

A escritora norte-americana Fran Lebowitz, que tem 70 anos e é homossexual, disse num documentário que nunca imaginou que o casamento gay e um movimento como o #metoo fossem possíveis ainda durante a sua vida. A Isabel é mais otimista, sempre lutou e acreditou que ia ver o mundo mudar?

Sim! Agora tenho dúvidas, mas quando era jovem tinha a certeza absoluta que dentro de dez ou quinze anos o movimento de libertação feminina teria triunfado no mundo. É que era um postulado tão justo, tão racional, que não havia dúvidas.... Enganei-me redondamente. Tenho 78 anos e durante a minha vida



©Lori Barra

assisti a mudanças, mas muito mais lentas do que estava à espera. Assisti também a momentos de retrocesso e houve outros em que o movimento esteve parado. Lembro-me de uma época em que as mulheres jovens, em vez de se manifestarem na rua, como as do *#metoo*, não queriam ser chamadas de feministas porque não era sexy. Os homens foram muito hábeis, convenceram o mundo de que o feminismo não passava de um monte de lésbicas peludas, que não se depilavam nem usavam desodorizante. Eram feministas porque eram feias.

Ainda relativamente ao feminismo, diz também em *Mulheres da Minha Alma* que lhe coube a si tornar realidade alguns dos sonhos da sua mãe e viver o que ela não pode viver, devido às limitações da época. Crê que acontecerá o mesmo com os seus netos?

Aos meus netos cabe fazer avançar a História. Cada geração tem uma missão evolutiva. Trata-se de ir para a frente, nunca de voltar atrás. E cada geração tem essa obrigação.

Creio que as minhas netas vão viver num mundo em que... não sei se o patriarcado terá sido derrotado, mas,

pelo menos, o movimento de libertação feminina ter-se-á estendido ao resto do mundo. De forma que as piores atrocidades que se cometem hoje contra as mulheres já não se cometam; e que haja uma consciência global de que existe uma guerra contra as mulheres e que essa é uma crise humanitária. A mais grave do planeta porque afeta metade da população mundial.

Relativamente à violência contra as mulheres, a questão do não binário, que também refere no seu livro, não poderá comportar riscos para as mulheres, como a eliminação precoce de espaços exclusivos para nós (WCs femininos, por exemplo)?

Têm de existir espaços onde as mulheres se sintam seguras. O objetivo final do feminismo é que as mulheres se sintam seguras em todo o lado. Agora, o que acontece com a linguagem? A linguagem é a forma como nós entendemos o mundo e a vida. Quando narramos a vida, escolhemos palavras para o nosso discurso. E as palavras determinam a realidade. Por isso, é importante fixarmo-nos na linguagem e atacar o que nela pode ser discriminatório, o que é discriminatório.



«Só tenho 78 anos, ainda tenho pela frente pelo menos mais vinte em que posso voltar a casar. (Risos)»

É verdade que existe agora o politicamente correto, o que se pode dizer, o que não se pode dizer, porque é ofensivo, porque não é ofensivo, e a esse nível às vezes chegamos a extremismos desnecessários. Mas tem de haver uma consciência de como a linguagem determina a realidade. Se uma pessoa escolhe os seus próprios pronomes, o que custa respeitar essa escolha? Nada. Não creio que isso afete o espaço onde vivem as mulheres. O espaço das mulheres, que é o mundo, está permanentemente ameaçado, por todos os lados.

No início de 2021 vi uma tira de banda desenhada na internet em que um homem perguntava a uma mulher se ela estava pronta para o novo ano.

E a mulher respondia: «Sou uma mulher na América Latina, estou sempre pronta para tudo.» Concorda?

Não sei. Creio que há um mito sobre a passividade e a submissão das mulheres latinas ou asiáticas. São mitos. Cada pessoa é diferente. E na América Latina também há movimentos de libertação feminina muito fortes, que estão a fazer um trabalho extraordinário em países onde sofrem uma opressão terrível. Mas não entendo porque na banda desenhada dizem «estou pronta para tudo porque sou da América Latina», como se fosse diferente noutros lugares. É o mesmo em todo o lado.

Em *Mulheres da Minha Alma* escreve, a certa altura, que as pessoas mais felizes são os homens casados e as mulheres solteiras. Mas a Isabel está casada e casou-se três vezes. É a exceção?

(Risos) Sim, três vezes! E pode ser que não seja a última! (Risos) Só tenho 78 anos, ainda tenho pela

frente pelo menos mais vinte em que posso voltar a casar. (Risos) Quando digo isto diante do Roger, o meu marido, ele fica horrorizado. É verdade, casei-me três vezes e divorciei-me duas. Sou uma pessoa romântica, sentimental, gosto de ter um companheiro (infelizmente sou heterossexual). E gosto de ter um companheiro de forma permanente. Isto pode trazer muitos problemas, mas eu estou numa situação privilegiada, porque não necessito que me mantenham, não preciso de obedecer a ninguém, sou completamente independente. Tenho saúde e sou livre, por isso, como disse, tenho uma situação privilegiada, que não é a da maioria das mulheres casadas, que têm de suportar um homem que já não amam e de quem já nem sequer gostam, que não toleram nem suportam.

Por que dizem que os homens casados são o grupo mais feliz? Porque as esposas tomam conta deles, porque se sentem seguros. Porque têm alguém que se ocupa de toda a parte doméstica, que é a mais desagradável da existência.

Os homens, quando ficam viúvos, ou voltam a casar-se rapidamente ou morrem. Quantos viúvos conheces que tenham tido uma viuvez muito longa? Muito poucos...

Quando conheci o meu marido, Roger, que era viúvo mais ou menos há quatro anos, três dias depois de nos termos conhecido ele já queria casar. Três dias! É preciso estar muito desesperado... (Risos)

Disse num vídeo do seu Instagram que durante a pandemia tinha aprendido que 80% do que fazia antes, como viajar, afinal não era assim tão importante.

O que está nesses 20% que realmente importam?

Agora vivo apenas nesses 20%, que são tudo o que me dá mais alegria: estou na minha casa, escrevo, leio, pesquisa, estou com o meu marido, com os meus cães. Vejo pouquíssima gente. Só os amigos que já estão vacinados, os mais íntimos apenas, o meu filho e a minha nora.

Nem sequer tenho visto muito os meus netos.

Primeiro, porque vivem longe e, depois, porque não estão vacinados. Claro que sinto a falta deles, mas é suportável.

Tenho nestes 20% uma vida cheia. E tudo o resto que fazia antes, ir às compras, por exemplo, porque tinha uma conferência e não sabia o que vestir, "este casaco não, que já usei muito", preparar-me para uma conferência, viajar, que é algo que detestava, tudo isso desapareceu.

Os eventos públicos... Gosto de estar com o público porque é a resposta imediata dos leitores, mas é preciso ir até lá. Tenho de me preparar e isso leva uma semana; uma semana em que não estou a escrever. O que mais gosto e o que é mais produtivo para mim é a escrita.

Acredita, como a sua amiga Olga Murray, de quem fala em *Mulheres da Minha Alma*, que o segredo da longevidade é ter um propósito na vida?

Creio que há várias coisas. Antes de tudo, o mais importante é a saúde. Porque, sem saúde, não podemos sequer pensar em ter um propósito ou no que quer que seja. O propósito é o que nos faz levantar todas as manhãs com energia suficiente para enfrentar a vida. "Ah! Tenho de fazer isto."

No meu caso é a escrita, no caso da minha amiga Olga Murray são milhares de crianças que precisam dela. Creio que a comunidade também é muito importante. Sentir que pertencemos a um grupo. Pode ser um pequeno grupo familiar ou algo maior. Mas viver com outras pessoas, não estar isolado.

Por isso, esta pandemia foi tão grave para os idosos, porque estão isolados. Os mais jovens comunicam por Zoom, arranjam uma solução. Mas os mais velhos, que não estão conetados a toda esta tecnologia, vão morrendo de solidão.

Qual foi o último livro de outro autor que a encantou?

Ui! De que gostei muito?

Sim. Lê mais em espanhol ou em inglês?

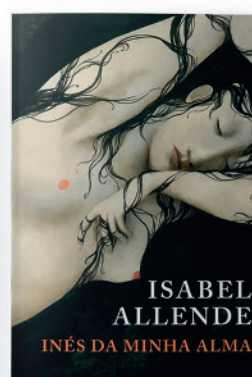
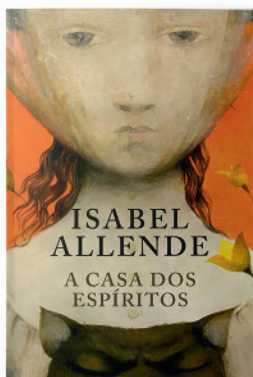
Em inglês, porque vivo em inglês.

Acabo de terminar um livro que se chama *Fantasyland*, de Kurt Andersen. É um livro sobre o pensamento mágico nos Estados Unidos. Desde religiões completamente loucas, teorias de conspiração... É toda uma História, desde 1600, de um país em que qualquer loucura é possível. Fascinou-me porque explica muitas coisas sobre os Estados Unidos e os americanos.

Já está a escrever um novo livro? É um romance?

Estou a escrever, mas não vou falar sobre isso. Esse alemão, essa personagem de que falei antes, pode estar em qualquer lugar, certo? (Risos) Mas é um romance, é ficção.

E já terminei outro romance, que será publicado no próximo ano. É a história de uma mulher que nasce durante uma pandemia e morre durante outra pandemia. De cem anos...



Empoderamento Feminino

Quando pensa em despertar da consciência feminina provavelmente associa-o ao movimento feminista que defende a igualdade de direitos entre géneros nas mais diversas áreas – política, social e cultural. Este movimento histórico poderá ter sido um primeiro passo que levou a que surgisse um outro movimento de empoderamento feminino, constituído por mulheres que não se deixam inferiorizar pelo seu género e que tomam atitudes contra o machismo que ainda é bem visível na sociedade. Esta consciência coletiva feminina tem impulsionado as mulheres do mundo a questionarem a vida dentro dos dogmas atuais.

O empoderamento feminino manifesta-se de diferentes formas, desde um maior envolvimento na política, à denúncia de desigualdades para marcar a diferença na vida de outras mulheres, bem como uma maior reconexão aos saberes ancestrais femininos, para que a expansão desta consciência seja autêntica e livre. Estamos a viver a História e a ver mudanças a acontecer no dia a dia, umas mais subtis, outras com um impacto mais profundo, pelo que reunimos alguns livros que podem ajudar a encaixar ideias, desmitificar mitos e trazer mais consciência em geral para esta questão. Porque para atingir a verdadeira igualdade, é preciso não esquecer a História e educar as gerações de homens e mulheres do futuro.



Pensar o feminismo

Publicado em 1984, *Teoria Feminista* permanece um texto atual e provocador. A autora bell hooks é uma referência incontornável na história do feminismo, examinando questões como a sororidade, a violência, a periferização e a parentalidade, e defendendo que o movimento feminista tem de reconhecer a complexidade das relações sociais e o contributo inestimável das mulheres negras ao longo da história.

Pequeno, mas brilhante, é o ensaio de Mary Beard, *Mulheres & Poder*. É, sobre a (im)possibilidade da voz das mulheres no espaço público e analisa com humor o modo como as mulheres poderosas têm sido tratadas ao longo da História.

E se dúvidas ainda restarem de que as desigualdades existem, sugerimos a leitura de *Mulheres Invisíveis* e *A Carga Mental e Outras Desigualdades Invisíveis*. Se o primeiro livro expõe o preconceito de género que está na raiz da discriminação que afeta diariamente a vida das mulheres, a cartoonista e ativista Emma ilustra (literalmente!) algumas dessas questões.

Todos Devemos Ser Feministas e *Querida Ijeawele – Como Educar para o Feminismo* ambos de Chimamanda Ngozi Adichie, são dois manifestos essenciais sobre o feminismo no séc. XXI e que não se dirigem apenas às mulheres, uma vez que o feminismo não pressupõe a exclusão dos homens.

Este é também o mote de Camile Paglia, ativista feminista desde a década de 60, em *Mulheres Livres, Homens Livres*, uma reunião dos seus melhores ensaios.

Uma leitura essencial que afirma o poder de mulheres e de homens livres – e do que podem realizar juntos.

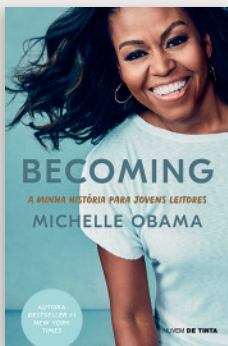
Para quem prefere leituras mais leves, mas igualmente esclarecedoras, **Mulheres sem Medo** é uma novela gráfica que cobre 150 anos de história do feminismo de uma forma divertida e concisa. Um livro pela liberdade, igualdade e sororidade, para ser lido por toda a família e passar de geração em geração.

Num registo diferente de escrita, no âmbito da literatura infantil, **Endireita-te** chega-nos pela mão do reconhecido escritor e ilustrador francês, Rémi Courgeon. Um livro com belas ilustrações que apela à mudança e à não violência para uma sociedade mais justa.



Histórias de Adormecer para Raparigas Rebeldes conta histórias de vida inspiradoras de 100 mulheres que mudaram o mundo, por terem tido a audácia de sonharem com uma sociedade onde o género não define fronteiras. Mulheres extraordinárias que renovam a nossa esperança num mundo mais justo, igualitário e belo.

Na mesma linha, **As Cientistas**, além de estar recheado de ilustrações divertidas e informativas, celebra os feitos de mulheres intrépidas que desbravaram caminho para a próxima geração de engenheiras, biólogas, matemáticas, médicas, astronautas, físicas e muito mais!



E por falar em mulheres inspiradoras, **Becoming – A Minha História para Jovens Leitores**, de Michelle Obama, em que esta conta a sua história às novas gerações, com a honestidade, o humor e a simplicidade que a distinguem. Pelo mundo da ficção não poderíamos deixar de falar sobre duas obras marcadamente feministas de Margaret

Atwood e Bernardine Evaristo, ambas vencedoras do Booker Prize. **Os Testamentos** e **Rapariga, Mulher, Outra** são dois livros de grande força narrativa e de leitura cativante, que nos farão repensar a nossa maneira de ver as estruturas de poder e o papel da mulher na sociedade.

Já **O Silêncio das Mulheres** de Pat Barker leva-nos de volta à literatura da Antiguidade, ao coração da guerra de Tróia. Narrado por Briseida, o romance convida-nos a escutar as vozes femininas silenciadas pela História e pelo poder, aquelas que estão ausentes do poema de Homero: as escravas, as prostitutas, as enfermeiras.

Em **Uma Educação**, Tara Westover dá forma, a partir da sua experiência singular, a uma narrativa que vai ao cerne do que é a educação e do que ela nos pode oferecer: a perspectiva de ver a vida com outros olhos e a vontade de mudarmos.

Reinvente-se. Resgate o seu poder feminino!

Com a ajuda de técnicas ancestrais, rituais, meditações e outros exercícios, **Sagrado Feminino** é um guia completo que incita e conduz cada leitora a conhecer mais sobre o seu corpo, os seus ciclos, os seus mistérios e a sua sabedoria interna.

Mulheres que Correm com os Lobos é um convite a mergulhar na profundidade da psique feminina através de lendas e mitos, de forma a despertar a força que cada mulher tem dentro de si. E ser uma mulher empoderada é, também, conhecer o seu corpo e os seus mistérios. Em **Viva a vagina!**, as autoras, de forma simples e bem humorada, explicam-lhe tudo o que sempre quis perguntar sobre sexualidade e os seus órgãos sexuais. Uma leitura obrigatória, que restaura a confiança em si mesma e nas maravilhas do seu corpo. Patrícia Lemos, que tem defendido a literacia corporal como essencial, já tinha explicado às mulheres mais jovens como funciona o **Período**, mas em **Não é só Sangue** dirige-se a todas as mulheres para desmistificar mitos, educar e questionar.

Empodere-se!, A Coragem de Ser Imperfeito são as leituras perfeitas para ousar ser diferente e mudar a forma como vivemos e nos relacionamos. São os pequenos gestos no dia a dia que causam uma revolução para fazer do mundo um lugar mais justo, mais igualitário.

Mulheres confiantes, precisam-se!





Uma história que decorre durante a primeira invasão francesa, após a fuga de Dom João VI para o Brasil.

Banda Desenhada

Isto não são só bonecos!

Das quase desaparecidas tiras nos jornais à novela gráfica; das páginas dos livros para o grande ecrã e para o *streaming*; da edição independente aos *webcomics*; a banda desenhada continua a ser um espaço de experimentação e de liberdade. Aquele que ainda é considerado muitas vezes um género de nicho, conquistou o merecido estatuto de 9.ª arte, e continua a reinventar-se, a desafiar os limites do género e a chegar a novos públicos. Esta é apenas uma amostra.

Para todas as idades

Muito antes dos filmes da Pixar, a banda desenhada já tinha encontrado uma forma de «agarrar» público dos 8 aos 80 e mostrar que simplicidade não é equivalente a falta de profundidade. Basta pensar que muitas das tiras que hoje consideramos clássicos eram protagonizadas por crianças – da *Mafalda* de Quino, passando pelos *Peanuts* de Schultz ou pelo *Calvin & Hobbes* de Bill Waterson – e são, ainda hoje, suficientemente universais para serem lidas com o mesmo entusiasmo por miúdos e graúdos.

E porque da infância não passamos diretamente para a idade adulta, a banda desenhada tem vindo, cada vez mais, a debruçar-se sobre a experiência da adolescência. Só nos últimos anos, é de destacar uma mão cheia de obra essenciais. Desde autores como Reina Telgmeier ou Riad Sattouff, criador da série autobiográfica *O Árabe do Futuro*, que retrata o seu crescimento numa família franco-síria; a outros livros publicados recentemente como *Finalmente o Verão*, *A Época das Rosas*, vencedor do prémio do público em Angoulême, ou *Heartstopper*. Todos vêm reforçar esta ideia de obras que aliam uma componente gráfica irrepreensível a uma abordagem de temas especialmente atuais como a igualdade de género, a descoberta da sexualidade e as dores de crescimento.

No campo nacional, *Desvio* de Ana Pessoa e Bernardo P. Carvalho é o melhor exemplo de como a novela gráfica pode espelhar os dilemas da chegada à idade adulta de uma forma poética.



O regresso dos heróis e o boom da cultura pop

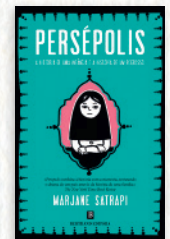
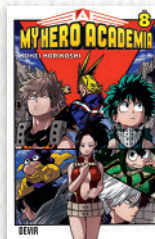
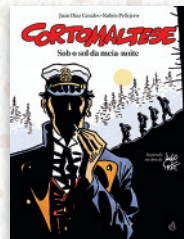
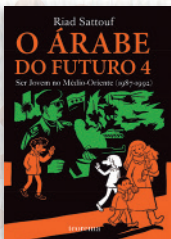
A banda desenhada franco-belga sempre gozou de uma enorme popularidade em Portugal. Do **Tintin** de Hergé ao **Astérix** de Goscinny e Uderzo; do **Marsupilami** de Fraquin ao **Lucky Luke** de Morris, estas personagens povoam a imaginação de muitas gerações de leitores. A prova da sua longevidade é que muitas

A manga que ganhou popularidade primeiro sob a forma de animação, tem hoje editoras especializadas e várias séries de sucesso publicadas em português como **Death Note**, **Naruto** ou **My Hero Academia**.

Já os *comics* norte-americanos, com algumas exceções, tiveram uma publicação sempre pouco consistente em Portugal apesar de estarem, atualmente, no centro da indústria de entretenimento. A banda desenhada sempre foi uma fonte de inspiração, mas as adaptações

frequentemente desafiaram os limites do formato. Os temas são também mais variados. Livros como **Maus** de Art Spiegelman, a primeira novela gráfica a receber um prémio Pulitzer, ou **Persepolis** da iraniana Marjane Satrapi, partem de experiências autobiográficas; já outros, como **Watchmen** de Alan Moore e Dave Gibbons, desconstruem a ideia dos super-heróis, enquanto autores como Joe Sacco criam obras próximas do relato jornalístico.

Mais recentemente, destaca-se **Sabrina**



destas séries continuam ainda hoje a ser publicadas, mesmo após a morte dos seus criadores originais, ou inspiram homenagens e recriações. O novo álbum de Astérix, por exemplo, será o 39.º volume da coleção e o quinto volume com assinatura da dupla Jean Yves-Ferri e Didier Conrad. Já o cowboy mais rápido do velho Oeste continua a disparar pela mão de Achdé e Jul, mas também a merecer álbuns de homenagem como os recentes **O Homem que Matou Lucky Luke** ou **Lucky Luke Muda de Sela**. Nos últimos anos, contam-se também o regresso dos *fumetti* italianos com novas edições do icónico **Corto Maltese**, criado por Hugo Pratt, ou de **Tex**, um indispensável para fãs do western. Mas para uma geração mais nova, os heróis de BD chegam também do Japão.

cinematográficas e televisivas e as plataformas de streaming catapultaram-na definitivamente para outro patamar. E não são apenas os super-heróis da Marvel ou da DC: **The Walking Dead**, **Watchmen**, **Umbrella Academy**, **The Ghost In The Shell** são só alguns dos exemplos de filmes e séries que se basearam em livros de banda desenhada.

O renascer da novela gráfica

Porém, como nem só de heróis se faz a banda desenhada, os anos 70 marcaram o surgimento da novela gráfica nos Estados Unidos. Apesar de o termo ser mais antigo, Will Eisner é considerado o pioneiro com o seu **Um Contrato com Deus**.

Mas afinal o que define uma novela gráfica? As opiniões dividem-se, mas as novelas gráficas são, por norma, obras mais longas, com um estilo reconhecível, uma narrativa mais desenvolvida e que muito

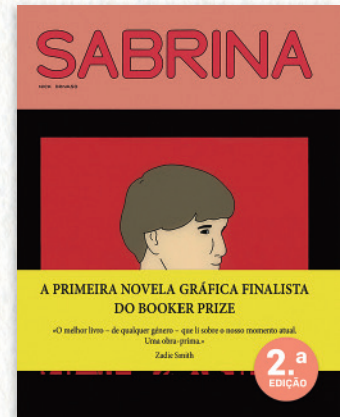
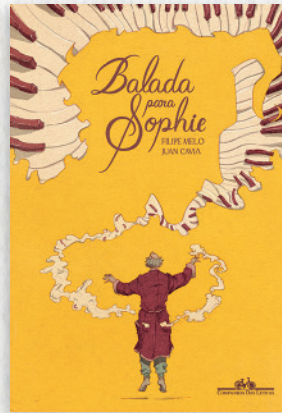
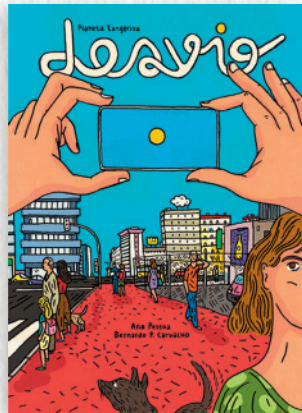
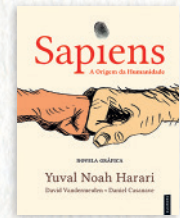
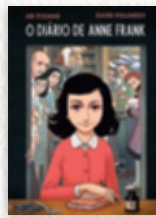
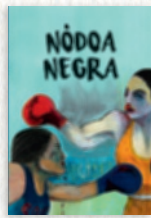
de Nick Drnaso. Uma obra, finalista do Booker Prize, que retrata de forma exímia o mundo de paranoia dos ciclos noticiosos de vinte e quatro horas, das teorias da conspiração e das redes sociais.

O reconhecimento da qualidade não só gráfica, mas também literária das novelas gráficas (se é que é possível separá-las), impulsionou também um movimento inverso. São cada vez mais as obras literárias reinterpretadas sob a forma de novela gráfica. Só no último ano: **1984** e **A Quinta dos Animais** de Orwell, **A História de Uma Serva** de Margaret Atwood, **Dois Irmãos** de Milton Hatoum pela dupla Gabriel Bá e Fábio Moon e até o bestseller mundial de Yuval Harari, **Sapiens: A Origem da Humanidade**.

O que torna estas adaptações especiais é a forma como cada novela gráfica reinterpreta as obras: o texto da obra que escolhe usar, como traduz visualmente o que está escrito e o que não está. Veja-se o exemplo de **O Diário de Anne Frank** de Ari



Folman e David Polonsky e a forma como traduz as emoções de Anne; ou a maneira como André Diniz consegue em *O Idiota* adaptar, quase sem recurso ao diálogo, a obra de Dostoiévski.



E em Portugal?

No último ano, dois acontecimentos chamaram a atenção para o que se passa na banda desenhada nacional. O primeiro foi êxito de *Balada para Sophie* de Filipe Melo e Juan Cavia, uma novela gráfica com mais de trezentas páginas que chegou aos lugares cimeiros dos tops de vendas; o segundo foi a nomeação da revista *Pentângulo* (que este ano voltou a ser nomeada) e da antologia *All Watched Over by Machines of Loving Grace* para o Prémio de BD Alternativa do festival de Angoulême, ambas editadas pela Chili com Carne, responsável por alguma da melhor banda desenhada independente publicada no país.

Estes dois exemplos espelham a variedade de projetos dentro da banda desenhada portuguesa, mas também outra tendência menos feliz: o reconhecimento que parte normalmente de fora para dentro.

São vários os autores a publicar lá fora, a terem exposições, a serem traduzidos, ou a trabalharem com grandes estúdios. Numa pequena amostra, temos a série anterior de Filipe Melo e Juan Cavia, *Dog Mendonça e Pizzaboy* publicada no Estados Unidos pela Dark Horse Comics; o livro de Paulo Monteiro *O Amor Infinito que Te Tenho* editado no Brasil, em Espanha, em França, na Polónia e na Roménia; autores como

Jorge Coelho e Ricardo Venâncio a trabalhar para a Marvel, ou casos como *Shangai Dream*, desenhado por Jorge Miguel, que foi publicado inicialmente em França e só este ano chegou a Portugal.

De uma forma geral, a banda desenhada nacional é multifacetada: conta com mestres como José Ruy, prestes a completar 91 anos; autores como Luís Louro, criador do célebre *Jim do Mónaco*, ou uma geração mais nova que inclui nomes como André Oliveira, Joana Afonso ou Mosi. Aqui há humor, como os casos de Álvaro ou Raquel Sem Interesse; há fantasia como Rita Alfaiate em *O Caderno Tangerina* ou *Dragomante* de Manuel Morgado e Filipe Faria; há autoficção e pequenos (grandes) problemas como nas obras de Francisco Sousa Lobo e muito, muito mais. De coletivos de autores como o *The Lisbon Studio* – no qual se incluem nomes como Nuno Saraiva, Pedro Moura ou Marta Teives –, a antologias como *Nódoa Negra* que junta doze autoras, a banda desenhada nacional está viva e recomenda-se. Só precisa de mais leitores dispostos a descobri-la e a apoiá-la.

A Família Monstro

APADRINHADO POR NUNO CARAVELA, AUTOR DE:
O BANDO DAS Cavernas

Bem-vindo a Monstrópolis!

A Mamã Ogre, a Vamp, o Franko, o Mumu e o Flic são a Família Monstro e já estão à tua espera para, juntos, viverem aventuras monstruosamente divertidas!



Guia de leitura infantojuvenil

12 Autores infantojuvenis para ler, reler e partilhar

Escrevem livros para o universo infantil e fazem-no com mestria, sensibilidade e inteligência. À palavra é associada a imagem, o desenho, o humor e a imaginação.

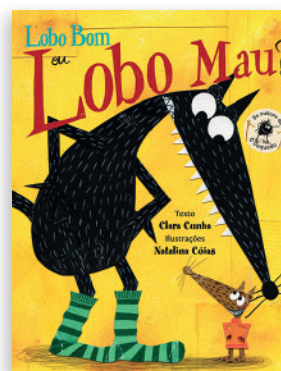
Descubra autores infantojuvenis incontornáveis, mas também outros que podem estar a passar-lhe ao lado. Wook têm em comum? Todos criam mundos próprios e têm livros absolutamente deliciosos. Estas leituras são perfeitas (e diríamos que quase obrigatórias) para ler em família ou em contexto pedagógico.



Clara Cunha é autora de livros para idades pré-escolares, como *Lobo Bom ou Lobo Mau?*, *Cuquedo* e *Uma história por noite*. Estas serão as leituras favoritas para a hora de dormir, onde as palavras são brincadeiras e uma oportunidade única de despertar o interesse pela leitura e pela descoberta da linguagem. Todos os seus livros são uma homenagem à imaginação das crianças e estes contam com as apelativas ilustrações de **Natalina Cóias** e **Paulo Galindo**.

Já *Era Uma Vez Uma Cadela* e *A Menina que Queria Desenhar o Mundo* são os livros mais recentes de **Adélia Carvalho**, uma autora premiada e com vários livros traduzidos. Um universo de histórias que vão para além do que está escrito e que não cabem num pedaço de papel.

Leituras de aprendizagens múltiplas, enriquecedoras, onde não há lugar para preconceitos e só o sonho nos move.





Isabel Minhós Martins, que pelas palavras de Gonçalo M. Tavares «ao fundar a editora Planeta Tangerina, colocou a literatura para a infância no campo em que esta deve estar: o da inteligência surpreendente», acaba de publicar o livro *Tudo Tão Grande*, que nos põe a pensar: Porque ficamos cada

vez maiores? De onde virá a vontade de crescer? Que grande mistério!

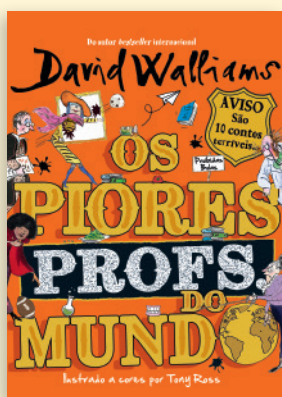
Livros cheios de criatividade e mais vocacionados para ajudar as crianças a lidar com as emoções são a especialidade de **Anna Llenas**, que escreve e ilustra. *Mãe, Gosto de ti (quase sempre)* e *O Monstro das Cores Vai à Escola* são dois dos seus livros que, de forma singela, educam o lado emocional dos mais pequenos, através de um uso especial das cores.



Oriane Lallemand, autora francesa, escreve por prazer e é uma apaixonada pelas palavras. A coleção *Toupeirinha* é a sua nova aposta, depois da coleção *O Lobo*, este último cheio de ideias mirabolantes e peripécias divertidas. Duas coleções que de forma carinhosa falam sobre a importância da

amizade, do valor das pequenas coisas, de sentimentos e muito mais.

A britânica **Rachel Bright** tem um repertório de histórias cujas personagens são inspiradas em animais, poemas e mensagens afetuosas. *O Lobo que Encontrou a Amizade* e *Amor Monstro* são os seus livros mais recentes e, como sempre, são enternecedores, transmitindo mensagens que tocam o universo infantil e com as quais as crianças facilmente se identificam.



Frequentemente descrito como o **Roald Dahl** dos tempos modernos, **David Walliams** tomou de assalto o mundo da literatura infantil com as suas histórias mirabolantes. *Os piores profs. do mundo* e *A Fera do Palácio* são dois dos seus hilariantes livros, com ilustrações de **Tony Ross**.

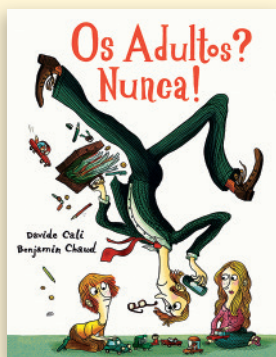
O divertimento é sempre garantido e difícil vai ser parar de ler!



David Litchfield, escritor e ilustrador, venceu o Prémio Waterstones para Melhor Livro Ilustrado com *O Urso e o Piano*. Em *Luzes na Floresta*, viajamos com a protagonista, Helena, para o espaço e acabamos por descobrir o que é verdadeiramente importante nas nossas vidas. Uma história narrada com grande mestria, sobre a amizade e os laços de família,

onde a ligação com a imagem é inebriante.

Sofia Fraga, galardoada com o Prémio Lusofonia, em 2017, publicou *A Tartaruga Celeste* e *o Menino que Chorava Música* e, em 2019, *O Avô Jacinto e os Macaquinhos do Sótão*, nomeado para o Prémio 2020 da Sociedade Portuguesa de Autores, na categoria de Melhor Livro Infantojuvenil. Trata-se de um conto onde as palavras ganham vida e se escondem em todos os recantos.



Também premiado é o suíço **Davide Cali**. As suas histórias são marcadas por um humor transbordante, um forte sentido de ritmo e também pela capacidade de criar diferentes camadas de leitura. *Os Adultos? Nunca!* é uma leitura insólita e divertida, tanto para miúdos como para graúdos. Uma paródia aos adultos que

nunca se atrasam, que nunca fazem asneiras e que são sempre bons em tudo o que fazem.

Sara de Almeida Leite escreve para um universo um pouco mais crescido. A coleção *O mundo da Inês* conta já com 9 volumes, tendo sido agora publicado *O Mundo da Inês - Medos não há quem não tenha*. Descubra a vida de uma adolescente num colégio e todas as suas aventuras e peripécias. A leitura perfeita para quem gosta das coleções de **Enid Blyton**, como *As Gémeas*.

Do Oriente, a nossa sugestão é ler **Jimmy Liao**, autor dos livros *O Som das Cores* e *O Peixe que Sorria*. Todos os seus livros têm uma linguagem visual muito rica e estão cheios de cores vibrantes. A delicadeza e a sutileza dos seus textos fazem desta uma leitura mais adequada a meninos mais crescidos - e adultos também!



MÁRIO CORDEIRO

**Descomplica
o tema da sexualidade
dos mais jovens.**

**Com rigor, curiosidade,
perguntas e respostas.**



Cartoon

Leituras pandémicas



Há mais de 20 anos
que ninguém tem
o que a **WOOK** tem.
Obrigado por nos
acompanhar nesta
história.

wook[®]

Visite-nos em wook.pt

O blogue literário da **WOOK**



wookacontece.pt

wook



86984.10

Subscreva a nossa *newsletter*